BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº66 6 de Março de 2001 Quinzenal Director:Bruno Ferreira Director Adjunto:Sérgio Alves
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

DOM Dinis

15 anos de RUC



Muita irreverência e ousadia têm marcado os 15 anos de existência da Rádio Universidade de Coimbra, a emitir na frequência modulada de 107.9 FM, que comemorou mais um aniversário no passado dia 1 de Março.

Páginas 4 a 8

Cultura universitária



Durante cerca de uma semana, de 1 a 9 de Março,a Universidade de Coimbra volta a mostrar a sua dinâmica e entusiasmo na terceira edição da Semana da Mostra Cultural.
Aqui fica uma pequena amostra

Páginas 2 e 3

O mês do teatro

Dia Mundial do Teatro é comemorado no mês de Março

Página 15

Escola da noite

Companhia dramática à pro-cura de realojamento

Página 16

v.s.f.f.

Durante uma semana a Universidade "mostra" a sua polivalência

"A UC é um privilégio"

A pró–reitora para a Cultura, Maria de Fátima Sousa e Silva, faz o balanço das edições anteriores da Mostra Cultural e prevê para este ano um substancial aumento do número de participantes.



"De uma forma geral a adesão dos estudantes tem sido muito positiva"

De 1 a 9 de Março, a Universidade dá–se a conhecer. Na sua 3ª edição, a Semana da Mostra Cultural oferece uma agenda mais intensa. A pró–reitora para a cultura, Maria de Fátima Sousa e Silva, destaca sobretudo as sessões de informação e as várias exposições de entre as inúmeras propostas do diversificado programa.

O que representa esta Semana da Mostra Cultural para a Universidade e para a Academia em geral?

A Semana Cultural foi um ensaio que se fez numa tentativa de alargar as celebrações do dia da Universidade com um conjunto de actividades que mobilizassem a comunidade universitária em torno da Universidade. A ideia foi tornar o dia 1 de Março mais participado e encontrar, no calendário escolar, uma época em que a Universidade pudesse conviver e mostrar aquilo que muito faz no dia–a–dia, para além da investigação e docência. A Universidade tem–se diversificado muito, tem crescido e importa que todos conheçamos essas novidades. O objectivo tem sido também que, na Semana Cultural, a população da cidade de Coimbra possa tomar parte, quer naquilo que se realiza no espaço da Universidade propriamente dito, quer naquilo que se realiza um pouco por toda a cidade.

Esta é a 3ª edição da Mostra Cultural. Quais as grandes diferenças relativamente às duas anteriores?

A diferença relativamente à primeira iniciativa é que, como tudo o que se inicia, teve uma dimensão relativamente modesta, na medida em que as participações foram mais limitadas. Este ano, temos uma quantidade e uma variedade de iniciativas que suplanta as das edições anteriores. Na primeira realização foram sobretudo os estudantes que mais facilmente aderiram. A partir daí, outro tipo de entidades universitárias, enquadradas nas faculdades, têm vindo gradualmente a aderir. Posso dizer que há dois tipos de actividade que se impõem: por um lado, as sessões de informação, os debates, colóquios, e por outro lado as exposições que, este ano, atingem um número superior a 20 e são de livre acesso. Posso destacar, entre as exposições, uma que considero interessante, da iniciativa da reitoria, que é uma exposição de fotografia sobre a Universidade, grandes ampliações fotográficas que vão estar expostas no Teatro Académico Gil Vicente. Duas salas dos espaços da reitoria, que não costumam estar acessíveis ao público, vão também estar abertas para exposições.

Temos uma quantidade e uma variedade de iniciativas que suplanta a das edições anteriores

À medida que o número de participantes aumenta e o volume de propostas cresce e tudo se complica

Na área dos colóquios, o que destacaria?

Há tendencialmente, em cada ano, um núcleo forte. Este ano é a própria Universidade. Temos, por exemplo, um colóquio sobre o Pátio da Universidade, onde vão intervir diversos técnicos que poderão dar informação sobre os trabalhos arqueológicos recentemente realizados. Há, depois, um outro colóquio sobre o papel cultural e social da Universidade ao longo da sua existência (coisa que até agora não tinha sido incluída). Fizemos um dia inteiro dedicado ao Pólo II, no qual se pretende chamar a atenção para um espaço que até agora talvez seja menos conhecido na Universidade, pois é recente. Há também sessões destinadas à reflexão sobre saídas profissionais para os nossos estudantes e outras sobre tecnologias dirigidas a estudantes deficientes.

Dar a conhecer a UC

Mas para além de ser dedicado aos estudantes, é também uma forma de a Universidade se dar a conhecer à comunidade...

Sem dúvida. Temos feito um grande esforço relativamente ao programa da Semana, distribuindo-o fora do circuito habitual da Universidade. Contamos com os órgãos de comunicação social para nos darem algum apoio. Temos também feito um outro esforço: em data próxima do início da Semana Cultural, dedicámos dois dias (este ano 21 e 22 de Fevereiro) às escolas secundárias. Para além das visitas que as escolas fazem gratuitamente à Universidade, proporcionários outras actividades. Tivemos cerca de 700 estudantes envolvidos neste projecto e para além de fazerem a visita aos espaços patrimoniais, como é habitual, foi–lhes proporcionada uma audição de órgão na Capela da Universidade.

O que assinalaria como grandes destaques desta Semana Cultural?

Gostaria de assinalar o dia 1 de Março, o próprio motivo para se fazer este programa. Temos uma cerimónia protocolar que, como evento académico, eu acho importante, para além de promover um convívio entre diversas "gentes" da Universidade. O Sr. Reitor tem distinguido professores e funcionários que se aposentam, bem como estudantes de mérito. Há também um aspecto a destacar aqui: o facto de terem sido lançados dois concursos, um de desenho e outro de crónica, destinados a toda a comunidade académica. Os vencedores recebem os prémios no dia 1 de Março e, ao mesmo tempo, aproveitamos para dar divulgação aos premiados - vai haver uma brochura com as crónicas premiadas e uma pequena exposição dos desenhos. A Biblioteca Geral tem uma exposição comemorativa de António Nobre, que abre nesse dia.

Quanto à organização desta Mostra Cultural, considera que foi mais difícil que as duas anteriores?

Por um lado, devíamos invocar uma certa experiência como um factor de facilitação. Mas a verdade é que à medida que o volume de participantes aumenta e o número de propostas cresce e tudo se complica. Muitas das iniciativas envolvem convites a pessoas de fora da Universidade, que têm de ser contactadas, têm de ter tempo de resposta, portanto, fácil não foi. Considero esta organização mais difícil, no sentido em que, havendo mais gente envolvida, a multiplicidade de contactos é maior.

Sente que a comunidade estudantil adere a este tipo de eventos e à Semana Cultural em particular?

Sim, desde o primeiro ano sentimos que um conjunto significativo de secções, organismos e núcleos de estudantes aderiram de imediato com interesse e não perdemos nenhum desses aderentes iniciais. Temos também vindo a ganhar adesões novas. Penso que o convívio tem sido excelente. Algumas organizações têm mais atractivos, estão mais cheias, outras menos, enfim, são as contingências naturais dos dias e dos calendários. Mas acho que tem sido muito positiva, de uma forma geral, a adesão dos estudantes.

Que apelo faria aos estudantes, para continuarem a participar e a envolver–se nas actividades da Universidade?

Eu diria que é um privilégio ser estudante da Universidade de Coimbra e faz parte desse privilégio auferir de todas as vantagens por ela oferecidas. Uma das vantagens é a sua polivalência, a diversidade de propostas e o melhor que podemos fazer é aderir e participar.

Carolina Ferreira
Sílvia Matos

Mapa cultural

Durante cerca de uma semana, de 1 a 9 de Março, a Universidade volta a mostrar a sua dinâmica e entusiasmo, ligadas à terceira edição da Semana da Mostra Cultural. A sua diversidade abre mais uma vez espaço à participação de todos, num caleidoscópio de diferentes culturas e modos de estar: exposições, visitas guiadas, conferências, poesia, teatro, ciclos de cinema e desporto são, entre outras, as propostas de uma Universidade que tenta encontrar, junto do dia 1 de Março, o aniversário da Universidade, um envolvimento entre a Escola e a Cidade e um espaço de diálogo entre cultu-

7

Almoço com pratos regionais da Madeira e dos Açores
Restaurantes universitários da UC 12h30

Ciclo de Cinema "Realidade Virtual"
Dep. de Engenharia Mecânica - Pólo II 14h15, 17h

Ciclo de Cinema "Realidade Virtual"
Departamento de Engenharia Mecânica - Pólo II 14h15

Ciclo de "Cinema e Psicologia". Inclui projecção de filmes seguida de debate organizado pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
Faculdade de Psicologia 15h

Actuação da Orquestra Típica e Rancho da Secção de Fado
Restaurante Universitário Sala B 13h

Sessão sobre as Sátiras de Horácio
"O poeta e o maçador. Mimo diegmático em cinco quadros"
"O poeta e o maçador" (Sátira 1.9)
Museu Machado de Castro 17h

"Olhar ... para onde?", conjunto de actividades promovido pelo GBU. Palestra "Todas as religiões conduzem a Deus"
Sala Polivalente da Casa Municipal da Cultura 21h

Ciclo de cinema ao ar livre
Promoção do CEC
Jardins da AAC 21h30

8

"(In)formação", série de sessões informativas organizada pela Linha SOS–Estudante.

Serão contemplados temas como bolsas de estudo, alojamento, serviços médicos, Sida, doenças sexualmente transmissíveis.
Foyer do TAGV 10h-18h

Mesa–redonda organizada pelo Gabinete de Saídas Profissionais da UC
Auditório da Reitoria 15h-18h

Mostra de danças e cantares tradicionais dos PALOP
Departamento de Engenharia Civil - Pólo II 17h

Concerto organizado pelo Coral de Letras com a partipação do Grupo Coral de Santa Cruz
Igreja de Santa Cruz 21h

"Homenagem a Dr. Jorge Gomes", sessão organizada pela Secção de Fado da AAC
Café Santa Cruz 21h30

Concerto pelo grupo de jazz Sweet Groove, incluído no Dia do Pólo II
Escadas do Pólo II 23h

Entre as 20h do dia 8 e as 4h do dia 9, haverá um transporte regular entre a AAC e o Pólo II, gratuito para todos os interessados em participar no Dia do Pólo II

9

"Ser estudante - História e Actualidade"

Este colóquio integra as seguintes intervenções:

10h - "Ser estudante em Coimbra no século XVIII"
11h - "Vida Estudantil em Valladolid no século XVIII"
15h - "Ser estudante em Coimbra no século XIX"
16h - "A condição de estudante em Coimbra no tempo presente"
Colóquio organizado pelo Instituto de História Económica e Social da FLUC
Auditório da Casa Municipal da Cultura 10h

"A Espiritualidade Oriental na Ciência", conferência proferida pelo Eng. António Teixeira, da União Budista Portuguesa.
Mini-Auditório da AAC 18h

Leitura de poesia
Café Santa Cruz 18h, 20h

Ciclo de cinema ao ar livre
Promovido pelo CEC
Jardins da AAC 21h

Concerto pela Orquestra da TAUC
Auditório do Instituto Português da Juventude 21h

Espectáculo pelo Grupo Folclórico da Casa do Pessoal da UC
Teatro Paulo Quintela, FLUC 21h30

Actividades permanentes

"Um novo olhar sobre uma velha Universidade"
Exposição de fotografia de Paulo Magalhães sobre os espaços históricos da UC
Organização da Pró–Reitoria para a Cultura, em colaboração com o TAGV
Foyer do TAGV 1-9 de Março

"Vida e Obra do Prof. Doutor Avelino Jesus da Costa"
Sala de Armas, Reitoria da UC 5-9 de Março
10h-17h

"Dali e Arcimboldo revisitados pela Secção Gastronómica da AAC
Centro Cultural D. Dinis 5-9 de Março
15h-24h

Exposição Comemorativa do 1° Centenário da morte de António Nobre
Sala de S. Pedro, Biblioteca Geral 1-2, 5-9 de Março
10h-12h30; 14h-17h

"10 Anos de A Cabra. As primeiras páginas"
Departamento de Engenharia Química - Pólo II da FCTUC
5-9 de Março 10h-19h

Exposição Temporária de maquetes sugestivas da construção urbana
Este programa resulta da colaboração do Museu Académico com o Departamento de Arquitectura da FCTUC e com o Gabinete de Apoio Técnico–Pedagógico do Estudante Deficiente da Universidade de Coimbra
Museu Académico 5-9 de Março
9h30-12h30

Visitas guiadas à exposição permanente do Museu (Biologia, Biodiversidade e Evolução do Mundo Vegetal)
Museu Botânico 5-9 de Março
10h-12h; 15h-17h

Exposição Interactiva, em regime de "dia aberto", com visita guiada e manipulação de selos
Salas da Secção Filatélica da AAC 1,3,4,5,7 de Março
1 de Março, 10h-12h30, 14h-20h
3 de Março 14h-20h
4 de Março 14h-20h
5 de Março, 20h-23h
7 de Março, 14h-20h

Feira do Livro
Pólo II-Departamento de Engenharia Civil 5-8 de Março
11h00, 19h00

Visita à Torre da Universidade
1-9 de Março
11h00-12h00, 15h00-17h00

RUC comemora 15 anos

Cento e sete ponto nove

Sons, palavras, irreverência e muita ousadia têm marcado a existência da Rádio Universidade de Coimbra, que comemorou mais um aniversário no passado dia 1 de Março. São quinze anos marcados pela diferença e pela intervenção em vários campos da vida da Universidade e da cidade.

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) celebrou 15 anos de existência pautados pela independência em relação a padrões estabelecidos. A força de vontade e o empenho que desde o início marcaram a sua actividade continuarão a ser o norte desta rádio tão peculiar, apostada na inovação e no seu próprio crescimento.



RUC: 15 anos a marcar a diferença

A RUC é constituída por jovens estudantes voluntários que amam a arte de fazer rádio e que querem contribuir para a continuidade de um desafio constante. Movidos por uma paixão pela música e pelo desejo de informar são muitos aqueles que buscam, nos cursos que a RUC promove anualmente, a oportunidade de fazer parte do mundo mágico da rádio, ou não fosse esta uma escola de formação. São muitas as figuras importantes da comunicação de hoje que passaram pela "escola" RUC: Sansão Coelho, José Diogo, Braga da Cruz, José Manuel Portugal, entre outros.

A necessidade da continuidade do projecto e a inovação são duas das principais razões para a realização anual de cursos de informação, programação e técnica orientados por profissionais da comunicação. O elevado número de candidatos gera a necessidade de realizar uma selecção, por vezes difícil, mas importante "para não comprometer a qualidade do curso", como refere o Director de Informação, Sérgio Guimarães. Com o final do primeiro curso de informação no corrente mês de Março, realizou–se uma nova selecção de candidatos para um novo curso a iniciar brevemente.

Uma vez que os seus quadros são constituídos maioritariamente por estudantes universitários, esta constante procura de novos valores permite colmatar as saídas simultâneas de redactores e locutores originadas pela efemeridade da sua passagem pela RUC.

A Rádio Universidade de Coimbra, foi marcada, desde sempre, por rotatividade e mudanças constantes, precisamente devido a este facto. Fácil será encontrar "várias RUC dentro da RUC", como afirmou à CABRA José Carlos Santos, presidente da administração. De facto, apesar de se seguir sempre um fio condutor ao longo dos anos, a constante introdução de sangue novo nos meandros da Rádio possibilita a mudança de roupagem da mesma. Independentes do conceito de rádio comercial, o espaço de manobra é alargado, daí que todos os que por lá passem sejam livres de conceber programas com o seu cunho pessoal, possibilitando um vasto e diverso leque de ofertas para os ouvintes.

Todas estas características peculiares da RUC têm–lhe permitido cativar um público fiel que não se resume apenas à comunidade estudantil. A sua heterogeneidade e diversidade de interesses prende o ouvido daqueles que, tal como a rádio, primam pela irreverência.

Uma voz diferente

Não tendo como objectivo a concorrência com outras rádios, e não subsistindo à custa da publicidade, como seria de prever, a RUC assume uma atitude única. O desafio reside na luta contra a forma convencional de fazer rádio. Não seguindo os padrões das rádios de maior audiência, opta por ser diferente quer na música que faz ouvir, quer nos debates que promove, quer no tratamento da informação, tentando ser uma voz singular no meio de tantas iguais.

Uma das particularidades da RUC, e porque se trata de uma rádio universitária, é fazer a cobertura de todos os eventos que à Universidade dizem respeito, nomeadamente as actividades culturais ligadas à Associação Académica de Coimbra, acompanhando manifestações culturais, aberturas solenes, serenatas, saraus, espectáculos, desfiles e transmissão de Assembleias Magnas.

O seu carácter informativo está também patente na criação de espaços de debate, incidindo em temas como a educação, ecologia e direitos humanos, entre outros. A sua actividade passa igualmente pela organização de eventos como mostras de música moderna.

A RUC vive da vontade e empenho dos seus colaboradores. Quanto a apoios, conta apenas com a contribuição mensal da Reitoria da Universidade de Coimbra.

Após cinco anos de tentativas, foi–lhe finalmente concedido um subsídio pelo Instituto de Comunicação Social que permitirá renovar os seus equipamentos, oferecendo assim melhores condições. No entanto, o cunho artesanal mantém–se. Segundo José Carlos Santos, um dos objectivos primordiais é conseguir uma formação completa em que "o locutor é simultaneamente o realizador", o corpo que dá voz ao programa dá também as mãos para a sua realização.

No passado dia 23 de Fevereiro decorreu no Teatro Académico Gil Vicente, a tomada de posse dos novos corpos dirigentes. A mudança, no entanto, não pode ser considerada radical, pois os novos corpos gerentes são formados, em grande parte, pelas mesmas pessoas.

As vozes que dão corpo a esta rádio tão singular podem ser descobertas nos microfones da RUC diariamente. Certamente que estas e outras pessoas que por lá passarão em anos futuros desenvolverão o seu trabalho com a mesma paixão de sempre, contribuindo para a continuidade deste projecto arrojado, que perdurará para além dos 15 anos que agora celebra. A RUC "sempre no ar".

Marta Melo
Patrícia Adegas

15 anos "sempre no ar"

A Rádio Universidade de Coimbra - RUC - celebrou no passado dia 1 de Março o seu 15° aniversário. No entanto as suas raízes já têm mais que 15 anos. Os primeiros passos deram–se na década de 40 com o Centro Experimental de Rádio, que emitia regularmente em circuito interno para as cantinas universitárias. O Centro surge a partir da ideia de criar uma rádio direccionada, essencialmente, para a comunidade estudantil, para os seus problemas, actividades e ambições.

Do Centro Experimental de Rádio passou a ter tempo de antena na RDP Emissora Nacional, onde desenvolvia as suas actividades. Vários programas eram preparados, realizados e gravados, em fita magnética, nos rudimentares estúdios da RUC, para posterionnente serem divulgados pelo centro regional da RDP, em Coimbra.

Uma primeira tentativa para legalizar a rádio foi feita a 14 de Novembro de 1983: é formalizado um pedido de licenciamento de estação emissora. No entanto, não é obtida qualquer resposta.

O sonho só se tornou realidade a 1 de Março de 1986, com um novo pedido. O alvará seria, finalmente, atribuído em Setembro de 1988. Assim nascia, oficialmente, a Rádio Universidade de Coimbra.

Ao longo de toda a sua existência, a RUC assumiu sempre um papel de grande intervenção na vida pública. Acompanhou o evoluir das conjunturas política e sociocultural da região e do país e as suas influências na Academia, nomeadamente nas crises académicas de 58, 62, 69 e de Abril de 74.

A funcionar, actualmente, no 3° piso da Associação Académica de Coimbra, na frequência de 107.9 FM, a RUC, certamente, continuará "sempre no ar" com a irreverência a que desde o início nos habituou.

MM/PA

Sempre diferente, sempre igual

"A RUC é um desafio constante"

15 anos "Sempre no Ar" é o catalisador de uma celebração de uma rádio diferente que quer ser "uma espécie de serviço público".

A comemoração do aniversário da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) é o mote para uma entrevista com o seu presidente. José Carlos Santos aposta num ano repleto de mudanças e renovação, mas continuando com o espírito fundador desta estação radiofónica universitária.

Qual seria a melhor prenda para a RUC neste aniversário, tanto a nível material como a nível humano?

Começas logo com as perguntas mais difíceis (risos). A melhor prenda para a RUC seria continuar com este espírito, que tem desde que foi fundada. Um espírito voluntarista, de grande dedicação e de potencialização da criatividade de cada pessoa que vem para aqui. Portanto, que isso continue, que não se perca e que seja reforçado.

Uma outra prenda, é o processo de renovação tecnológica através do qual estamos a mudar os estúdios. Ganhámos um projecto do Instituto de Comunicação Social, que é aberto às rádios anualmente. Nós já nos candidatamos ao projecto desde há cinco anos e entretanto no ano passado fomos contemplados. Vamos ter um estúdio de formação com as condições necessárias. Isto é de certo modo uma prenda real.

Seria também bom ter uma emissão on–line em condições, mas não sei para quando. Actualmente, nós estamos a transmitir emissões de cariz experimental a partir do servidor da Associação Académica de Coimbra (AAC) e queremos obviamente melhorar a situação. Assim, podemos chegar a um número quase ilimitado de pessoas que quisessem ouvir a Rádio Universidade on–line, porque sabemos que existem inúmeras pessoas que nos querem ouvir.

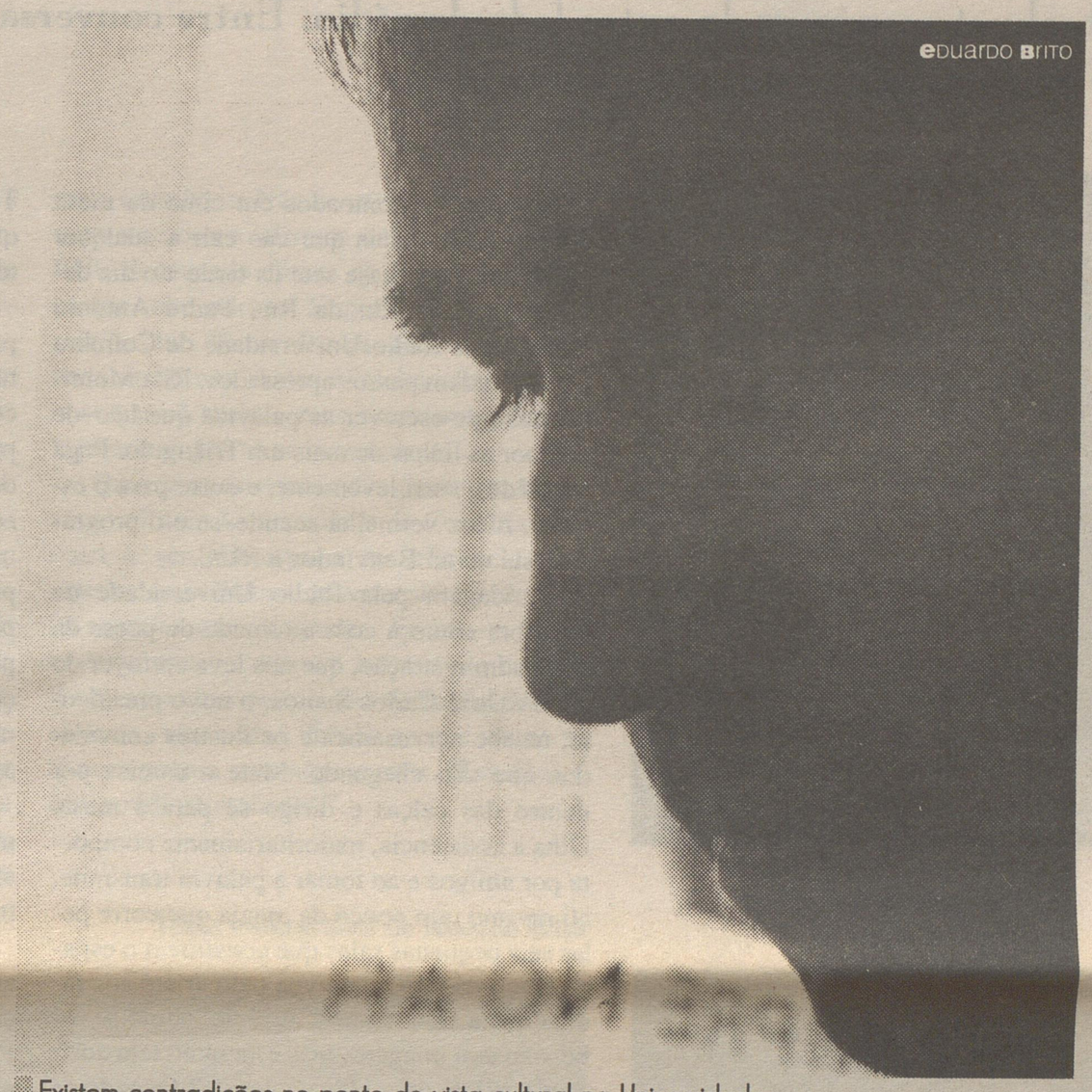
Em relação à vossa audiência, acham que estão a chegar às pessoas que querem?

Se formos ao espírito da própria rádio e existindo um certo estatuto editorial, nós direccionamo–nos aos estudantes da Universidade de Coimbra, e por conseguinte, aos jovens; às profissões liberais, isto é, as classes médias instruídas, tentando oferecer algo que as outras rádios não oferecem. Obviamente nós não somos uma rádio ouvida pela maioria dos estudantes. No entanto, o objectivo de uma rádio universitária é, a nosso ver, oferecer algo de novo e diferente para quem entra para o ensino superior. Tal como quem entra para um curso universitário não vai aprender o mesmo que aprende no secundário. Em suma, a RUC procura oferecer a quem a sintoniza o acrescento cultural, musical e de entretenimento que as pessoas não têm de outro modo.

Para o umbigo?

O que tens a dizer sobre as alegadas queixas de programas umbiguistas?

Rádio para o umbigo? Eu não digo para o umbigo, mas a rádio com sons mais estranhos também tem lugar na RUC. É uma parte da programação da rádio, não é de modo algum a maioria. Existem programas específicos, de música quer étnica, quer minimal. São programas devidamente delimitados e de autores específicos que existem tal como existem outros programas musicais, com jazz, blues, rock ou dança. É um espaço que não teria lugar em mais nenhuma outra rádio. Portanto, associa–se à ideia de serviço público de também servir as minorias. É uma questão de as pessoas estarem atentas.



Existem contradições no ponto de vista cultural na Universidade

A questão de ser elitista é bastante falsa porque a RUC é talvez a mais ou das mais variadas do país

Nós queremos ser cada vez mais uma escola de rádio e isso é fundamental

Mas isso não é uma forma de restringir, a priori, o vosso público?

Se nós tivessemos um formato igual ou parecido a uma Rádio Comercial ou a uma Rádio Cidade, haveria um desvirtuar completo da RUC e ela acabava enquanto identidade. Nunca conseguiremos competir com eles porque eles têm meios técnicos incomensuravelmente superiores. Até por uma questão de sobrevivência seria completamente errado. Se me perguntares "Mas achas que a RUC é elitista?", eu acho que não, por uma série de razões. Primeiro, porque qualquer estudante universitário tem hipótese de vir aqui insrever–se nos cursos. Pode haver uma pré–selecção por não termos capacidade de dar formação a tanta gente. Mas podem, e nós tentamos albergar no curso o mais variado tipo de pessoas para que a emissão também seja variada. A questão de ser elitista é bastante falsa porque a RUC é talvez a mais ou das mais variadas do país. Podem ouvir todo o tipo de música. É uma audiência muito fiel porque encontram ali um espaço de conhecimento e de descoberta, quebrando a monotonia e o cinzentismo das "jukeboxes" que são as rádios comerciais de hoje em dia.

Houve uma tentativa de semi–profissionalização da RUC?

Isso aconteceu no início dos anos 90. Foram dados alguns passos nesse sentido e entretanto com o evoluir da situação segui–se outro caminho.

Porquê?

Por várias razões. Uma delas é financeira. A rádio universidade não tem condições para pagar os locutores e quem cá trabalha. Apenas e só remunera simbolicamente os directores de departamento. Uma outra ordem de razões prende–se com uma ideia de "rádio escola", uma ideia de rádio que procura potencializar um gosto por fazer rádio. Ou seja, uma rádio de certo modo amadora. Porque esta rádio é uma secção da AAC e vive do associativismo e do voluntarismo quase puro e a riqueza desta casa prende–se essencialmente com isso. Daí que a rádio seja um bocado viciante. A paixão da rádio é visível sobretudo na RUC.

Anti–monotonia

Quais os trunfos da RUC para aliciar quem não a ouve?

Isso tem a ver com a outra razão. Rádio é comunicação. Comunicar pode não implicar só falar. Podes comunicar através de música, através de sons. Mas implica criar. O que acontece é que as outras rádios não criam. Portanto, privilegiamos uma ideia de criação. Apostamos no locutor–realizador que tem um controlo e uma autonomia sobre o que faz. Há espaços de experimentalismo aqui e ali na grelha que retratam isso. Voltando à questão das audiências, um estudo de audiências feito pela Marktest na zona Litoral–Centro, no ano passado, não nos discrimina. Mas a audiência tem aumentado nos últimos dois anos. Essa é a sensação que nós temos.

O que esperam deste ano?

Este é um ano de aposta na formação, quer a nível da técnica, da informação e da programação. Nós queremos ser cada ver mais uma escola de rádio e isso é fundamental. Vamos reforçar a informação, no aspecto pedagógico e cultural. Por outro lado, queremos continuar a projectar a rádio lá para fora. E isto passa por um certo "marketing" no sentido da promoção da própria rádio.

Qual é a evolução da RUC ao longo destes 15 anos?

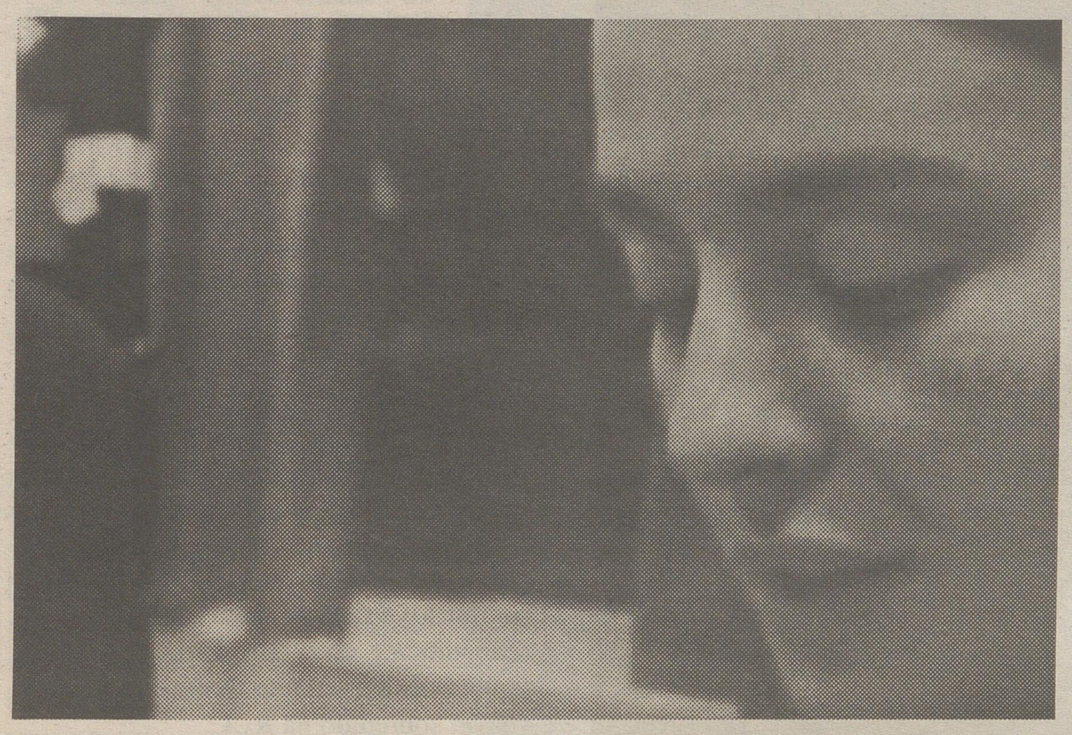
Há uma RUC que é diferente todos os anos, mantendo–se fiel ao mesmo espírito. Há uma constante renovação geracional, embora haja aquelas pessoas que se mantêm por cá. Há um fluxo de pessoas e de ideias. Daí que haja uma mutabilidade constante de programas que se lançam. A Rádio Universidade é um desafio constante.

Helder S. Dantas

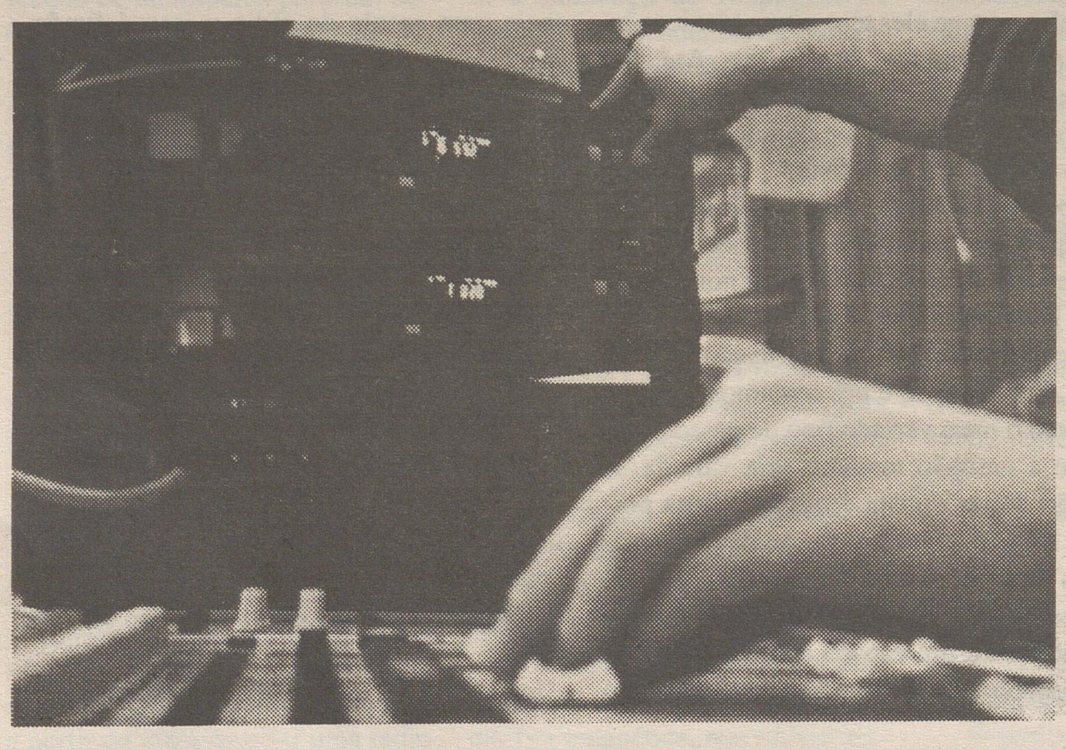
Uma viagem ao interior da RUC

"Em Coimbra, a rádio é mais esta"

Dias depois de celebrar quinze anos, a Rádio Universidade de Coimbra recebe a CABRA para uma pequena viagem pelo universo desta estação. Um paseio pelas salas e pelos estúdios que compõem o seu espaço, parando em algumas das vozes que habitualmete ouvimos do outro lado do rádio. Entre conversas e desabafos, o resultado é este: é mesmo possível falar de uma rádio com cor.







Os cêdês amontoados em cima da mesa circular dão a ideia que vão cair a qualquer momento. São quase sete da tarde e o dia desaparece ao fundo da Rua Padre António Vieira. Pela Rádio Universidade de Coimbra (RUC) andam passos apressados. Rita Moreira acaba de escrever as palavras que hão–de compor as linhas de mais um Triângulo. Pega nos cêdês, sorri levemente, e corre para o estúdio. A luz vermelha acende–se e o programa está no ar. Benvindos à RUC.

A viagem pela Rádio Universidade de Coimbra começa com a tomada de posse da nova administração, que nos leva ao foyer do TAGV. José Carlos Santos, o novo presidente, recebe nervosamente os ilustres convidados que vão chegando. Mete a camisa por dentro das calças e dirige–se para a mesa. Olha a assistência, maioritariamente composta por amigos e ao tomar a palavra transmite, ali mesmo, um pouco da magia que corre pelas seis pequenas salas que constroem o espaço físico da RUC, que voa pelo ar até aos rádios que a sintonizam. "A rádio, como se sabe, não tem imagens, mas esta rádio tem cor". Será a RUC uma rádio colorida? Quando se lhe pergunta, uns dias mais tarde, o que quis dizer com isto, José Carlos sorri e diz que não se tratou mais do que "uma pequena sinestesia". Porém, fica mesmo no ar a impensável ideia que uma rádio pode mesmo ter uma cor. Parte–se à sua procura.

"A RUC é uma tela em branco que cada um pinta com as cores que quer". O colorido da RUC, explica–nos Rita Moreira, é mesmo isto: todos aqueles que fazem esta rádio vão–na pintando de acordo com o seu estado de espírito, de acordo com os seus gostos e com os gostos dos ouvintes. Seja dentro do estúdio, seja nos corredores do seu espaço.

A RUC é uma rádio com uma cor viva, conforme o confirma o seu presidente: "não queremos que esta rádio passe a ser feita por computadores que programam as músicas". As pessoas são importantes e a prova disso vive na aposta em cursos de formação regulares, que trazem à rádio dezenas de pessoas por dia. José Carlos Santos não esconde o orgulho de encabeçar uma equipa que mantém viva uma das poucas "rádio escolas" de Portugal: a RUC forma, por ano, algumas dezenas de pessoas nas áreas de informação, programação e técnica.

A cor do Triângulo

Rita Moreira apresenta mais um Triângulo, programa que nos mostra um pouco da cultura que se vai fazendo no nosso país. É talvez dos mais originais programas que a Rádio Universidade de Coimbra produz. Três vozes inconfundivelmente delicadas: João Madeira, Isabel Simões e Rita Moreira. Triângulos de ideias, coloridas por músicas que a elas se adequam. Uma fórmula cativante.

Passam alguns minutos das sete da tarde e partimos de encontro a este programa. O estúdio 1 acolhe a voz de Rita, desta vez sem companhia. As músicas que escolhe servem para colorir as palavras que diz. A propósito de uma exposição lança no ar uma faixa tão estranha quanto enigmática. "Esta música é um bocado esquisita..." confessa, enquanto prepara a próxima entrada. Volta a sorrir e explica que a ideia por trás de tal escolha é a de proporcionar a quem ouve uma certa abstracção, de puxar pela sua imaginação. Como se nos mostrasse através do som os quadros que aguardam uma visita nossa.

A magia e a cor da rádio vivem em momentos como este. As viagens que se fazem através dos sons. Até aos lugares felizes ou tristes que povoam a nossa memória.

E é este encantamento que chama ao éter, ano após ano, dezenas de pessoas que, geração após geração, mantêm vivo aquilo a que Paulo Sebastião, um dos veteranos da casa, chama de espírito RUC: "uma teia de conhecimentos e opções estéticas e culturais comuns a uma imensa minoria de pessoas". Para além disto, há também "o voluntarismo, a dedicação, a abertura a ideias novas", no entender de José Carlos Santos.

Daniel Marques Pinto é um dos muitos que personificam este espírito RUC. Chega a passar mais de meio dia pela rádio, entre conversas e escutas de discos sem esquecer o programa Cardeal Violeta. A sua voz grave e sombria é das mais aveludadadas que a rádio tem. Apesar de ser completamente diferente da que utiliza para fins menos radiofónicos." É tudo uma questão de estômago", diz–nos entre uma gargalhada e um gesticular de mãos contraindo tal parte do corpo.

Coisas que só se ouvem aqui

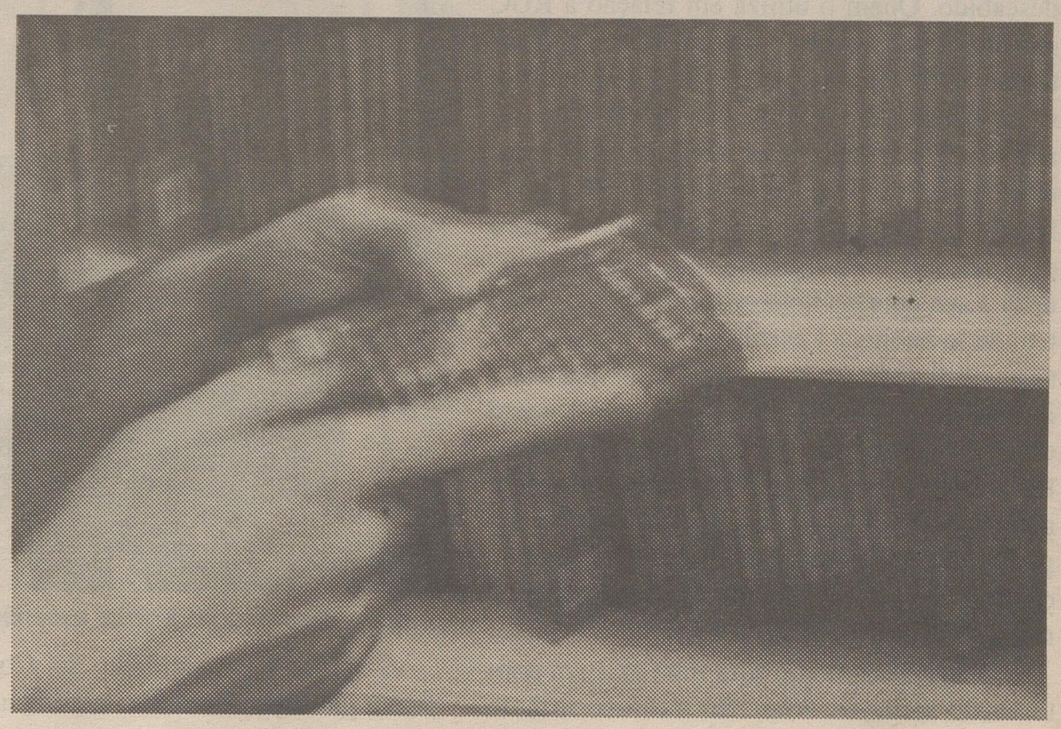
Mas nem só de vozes e canções vive a RUC. A informação também existe. Por agora, existem dois blocos noticiosos alargados, um às seis da tarde e o outro às dez da noite. Basta rondar a sala da redacção um pouco antes destas horas para assistir à azáfama de quem escreve notícias. Sérgio Guimarães, director de informação, passa a imprensa em revista, faz telefonemas, corre à procura de notícias. Não esconde a surpresa com a pergunta: "A informação da RUC tem cor? Claro! É um verdadeiro arco–íris! Tenta–se não cair no cinzentismo dominante e procura–se estimular a criatividade do jornalista", diz–nos com o tom frenético dos desafios aliciantes. "Já fizemos reportagens sobre as inscrições nas portas das casas de banho!", afirma, enquanto na sua secretária os papéis se

RUC

amontoam, enquanto o nervosismo cresce à medida que a hora das notícias se aproxima.

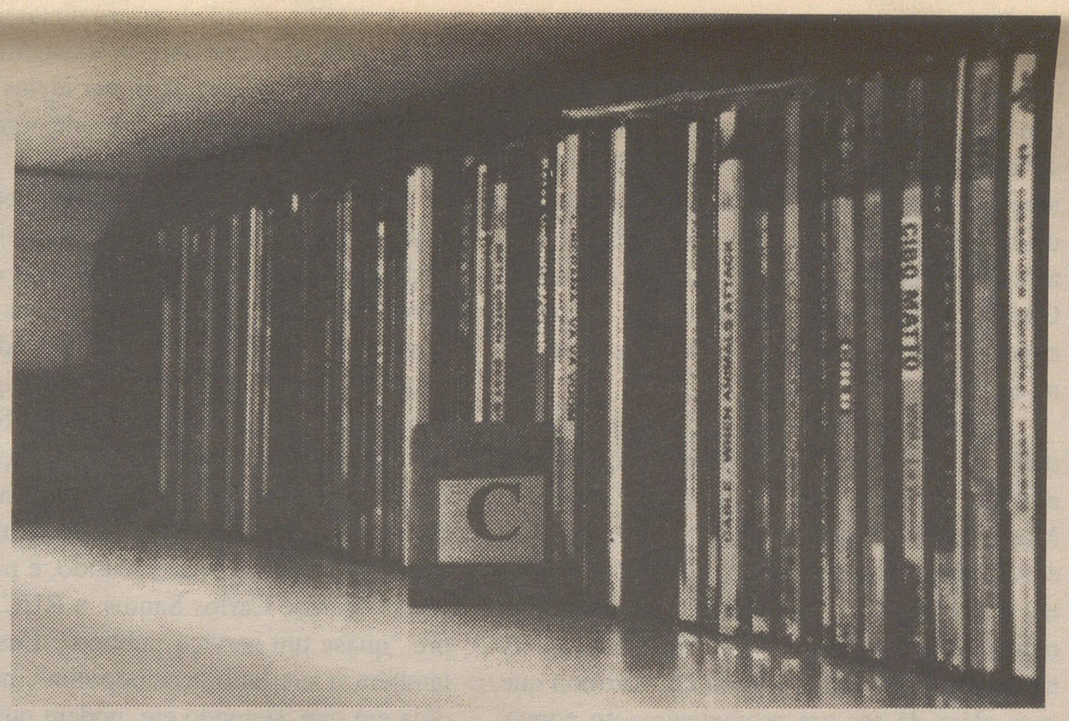
A viagem leva–nos agora ao encontro de Hugo Ferreira, um dos radialistas mais ferrenhos da casa. O seu envolvimento com a RUC traduz um pouco a paixão com que se vive este espírito, este grande amor. "A nível académico, posso perder muito com esta entrega, mas duvido que esta perda seja maior que a paixão de fazer rádio. E a longo prazo só posso ficar a ganhar com esta experiência", remata Hugo enquanto as suas mãos dedilham rapidamente os discos arrumados na gaveta das novidades. O programa Estetoscópio prepara–se para ir para o ar e Hugo ultima os pormenores, dividindo o trabalho com o seu amigo Tiago Eiras. É quase meia noite e Hugo repara num cêdê: o olhar escorrega pelas doze ou treze canções que o compõem, a voz que diz "vou passar esta". São muitos os que dizem que a música da RUC não é das mais acessíveis. Não se cai no éfe–éme fácil nem em comercialismos exagerados. Será a RUC demasiado elitista na escolha da música que sobe pelo ar? Hugo Ferreira responde sem hesitar: "A escolha das músicas não tem nada de elitista. Antes é inteligente." Afinal, o slogan é antigo, mas mantém–se actual: "Há coisas que só se ouvem aqui".

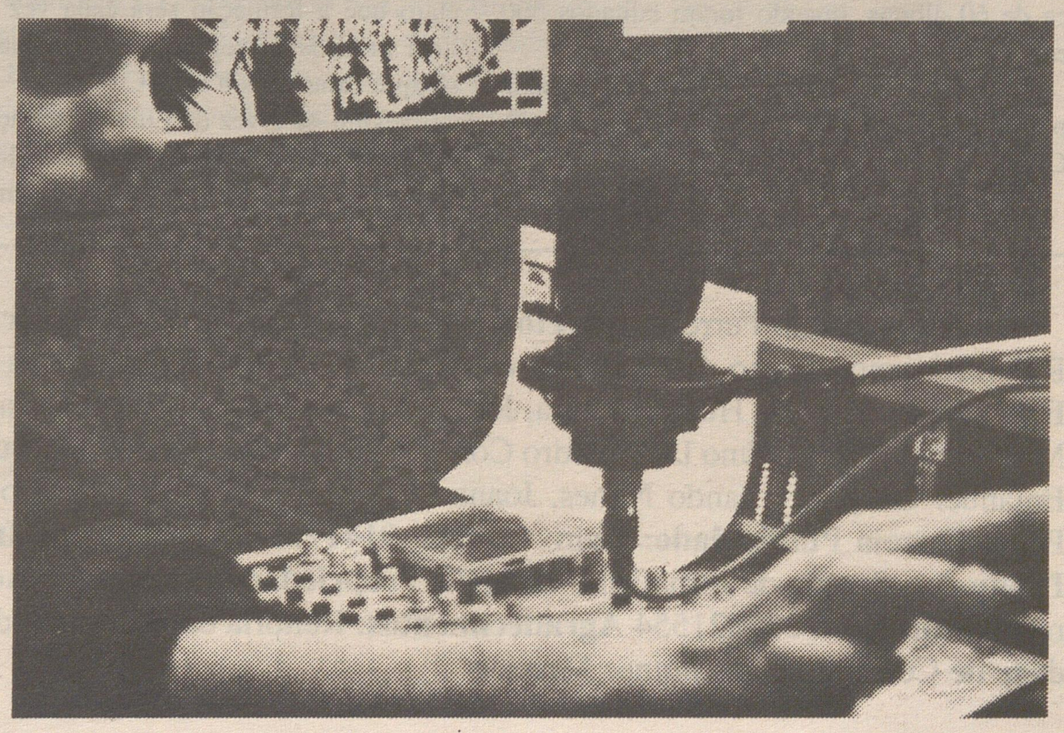
Quinze anos depois das primeiras emissões, a Rádio Universidade de Coimbra continua a ser um espaço de referência para aqueles que olham e ouvem esta cidade com os sentidos mais apurados. Escuta–se o que se ouve pouco, sente–se o amor e o carinho das pessoas que por ali vão deixando pedacinhos das suas vidas. Talvez porque, como se lê num poema com alguns anos, "Em Coimbra, a rádio é mais esta".



Texto e fotografias de Eduardo Brito







Editorial

1. A Rádio Universidade de Coimbra está de parabéns pelos seus quinze anos. Estão de parabéns as pessoas que mantêm e melhoram um projecto radiofónico ímpar a nível nacional.

Sendo que chega a RUC a esta data bem redonda é, na minha opinião de colaborador ocasional, mas sobretudo de ouvinte assíduo e de companheiro das lides da comunicação social da academia, chegada a altura de fazer uma análise do que dela conheço.

A singularidade da Rádio Universidade acarreta o ter de lidar com a costumeira acusação de autismo .

Este argumento é, hoje em dia, injusto e descabido. Quem o utiliza em relação à RUC das duas uma: ou está a utilizar este argumento de má–fé, sem o objectivo de contribuir para uma discussão que precisa de ser feita, ou não conhece a Rádio Universidade. Não a conhece e não sabe ver que o facto de ela ser diferente das outras obriga a que quem a ouve deva ser, na minha opinião, selectivo. Ou seja, dada a sua enorme heterogeneidade, o ouvinte tem de se habituar a escolher o que quer ouvir: se gosta de fado, pode ouvi–lo, se só quer estar informado acerca do que se passa neste nosso espaço comum, ouve o noticiário ou o Triângulo, se gosta de rock, ouve o Verniz, se quer acordar bem disposto ouve a Pílula do Dia Seguinte. Só uma pessoa com gostos bastante peculiares não encontrará um nicho de contentamento e prazer no 107.9 FM.

Apesar da apologia aqui feita existem pontos onde melhorar. Mas não me cabe fazê–lo aqui, especialmente numa altura de festa.

2. É com muita pena minha que sou obrigado a referir outro tema bem menor que o anterior. Este diz respeito ao agora unilateralmente designado III Concurso de Banda Desenhada Dr. Kartoon. Não me incomoda absolutamente nada que esta loja decida organizar um concurso de Banda Desenhada, aliás até elogio a ideia. O que não consigo suportar é que este usurpe o concurso realizado nos dois anos anteriores, o Concurso de Banda Desenhada A CABRA/Dr. Kartoon. Se quiser organizar um concurso que o faça, mas não lhe chame terceiro concurso.

Apesar de reconhecer que no seguimento do II Concurso de Banda Desenhada não foi editado o álbum com os melhores trabalhos. Mas é de uma extrema injustiça, falta de senso e tacto não reconhecer que o esforço que o Jornal A CABRA fez para editar o álbum do primeiro concurso que custou 500 contos é bastante maior que o da Livraria Dr. Kartoon que, para além de ser um estabelecimento comercial, apenas contribuiu com prémios nos valor de 30 contos e com a venda de, até agora, cerca de 60 álbuns, quando foram editados 500 exemplares.

É pena ver uma inicitiva tão bem pensada pelo Fernando Nunes, na altura director de A CABRA, ser desvirtuada.

Bruno Ferreira

RUC promoveu encontro com as suas congéneres portuguesas

A RUC e as outras

A Rádio Universidade de Coimbra levou a cabo, como mais uma forma de festejar os seus 15 anos, um encontro com as várias rádios universitárias do país. Muitas semelhanças e algumas diferenças foi a conclusão a que se chegou



Rádios universitárias trocam experiências

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) promoveu no último sábado um Encontro de Rádios Universitárias no foyer do Teatro Académico de Gil Vicente, no âmbito das comemorações do seu 15º aniversário. A RUC convidou representantes das várias rádios universitárias existentes no país com o propósito de trocar ideias acerca dos seus diferentes modelos de organização.

A conversa começou com uma pequena exposição de José Carlos Santos, presidente da RUC, sobre a sua história e as directrizes essenciais que orientam a casa. A este propósito realçou a vertente de "rádio escola" que a RUC tem desde a sua origem e que se traduz numa aposta clara na formação de pessoas através da organização de cursos de formação em diversas áreas, como sejam a da informação, da programação e da parte técnica. Neste sentido, e nas palavras de José Carlos Santos, a RUC cumpre "quase um serviço público". Destacou também o seu lado "cosmopolita", na medida em que, segundo ele, podem ouvir–se lá coisas "que não se ouvem noutros sítios". No que toca a desafios para o futuro, ficou claro que a formação será cada vez mais uma prioridade, seguindo uma linha que sempre caracterizou a RUC.

Seguiu–se a vez de Luis Mendonça, da Rádio Universidade do Marão (RUMarão), contar um pouco da história que está na sua origem. Pelo meio, não faltaram algumas peripécias de natureza burocrática respeitantes à legalização da própria rádio, que apenas na semana passada conseguiu a renovação do alvará, após dois anos em que se encontrou, para todos os efeitos, ilegal. Mas desde logo se notou uma diferença essencial desta rádio em relação à RUC: é que quem trabalha na RUMarão, pelo menos no horário das sete da manhã às oito da noite, recebe uma remuneração, ao contrário do que acontece na RUC, onde todo o trabalho é de cariz exclusivamente voluntarista.

No que toca à Rádio Universidade do Minho (RUM), Fernando Araújo, um dos seus responsáveis, começou por dizer que a RUM aparece como centro experimental de rádio em 1983, funcionando literalmente num vão de escada e com um emissor artesanal. Em 1989 conseguiu a concessão de uma frequência e a legalização. Quanto à organização interna, a RUM remunera alguns dos seus locutores à hora, embora isto não se aplique à totalidade dos seus colaboradores. A formação destes está associada ao curso de Comunicação Social da Universidade do Minho, sendo que quase todos os membros do departamento de informação da RUM são licenciados neste curso.

Também foi destacado o facto de tanto a RUMarão como a RUM terem a sua emissão disponível on–line, à semelhança do que acontece com a RUC.

Após as exposições introdutórias de cada uma das rádios, coube a João Pedro Figueiredo, representante da Secretaria de Estado da Comunicação Social, e curiosamente sócio efectivo da RUC, esclarecer o sentido da recentemente promulgada lei da rádio, que veio revogar a de 1989, ao abrigo da qual a RUC, a RUM e a RUMarão foram constituídas.

De seguida, José Quintas, do projecto portuense Académica.net, trouxe à conversa a sua estranheza pelo facto de não existir uma rádio universitária no Porto. A Académica.net é um portal que surge como uma solução para o facto de não lhes ter sido atribuída uma frequência que, na altura em que se realizou o concurso, foi concedida à Igreja Paroquial da Areosa...

Por último, foi a vez Ricardo Rafael, da futura Rádio Universidade do Algarve, tomar da palavra para dar conta do estado em que se encontra este projecto, ainda em fase de formação.

Por várias vezes os representantes das diversas rádios entraram em diálogo directo com o representante do secretário de Estado Arons de Carvalho, sobretudo para fazer algumas queixas e reclamações respeitantes a problemas concretos de cada uma das rádios, e ainda a outros que parecem ser comum a todas.

Cecília Santos

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Adjunto:** Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Ferreira, Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Cecília Santos, Helder Dantas **Redacção:** Ana Laura, Cristina Rodrigues, Eduardo Brito, Filipe Vicente, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos, Leonor Tato, Márcia Oliveira, Manuel Eduardo Rodrigues, Maria João Lopes, Nuno Dias, Pedro Correia, Sílvia Matos, Tiago Marques **Colaboradores:** Angela Neves, Anselmo Câmara, Emanuel Graça, Fernando Nunes, Joana Flôr, Mário Guerreiro, Pedro Ramos, **Fotografia:** Eduardo Brito, Nuno Curado, Pedro Correia **Publicidade:** Pedro Correia: 914177842 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Rui Antunes Mendes

Pólo I

Pólo II

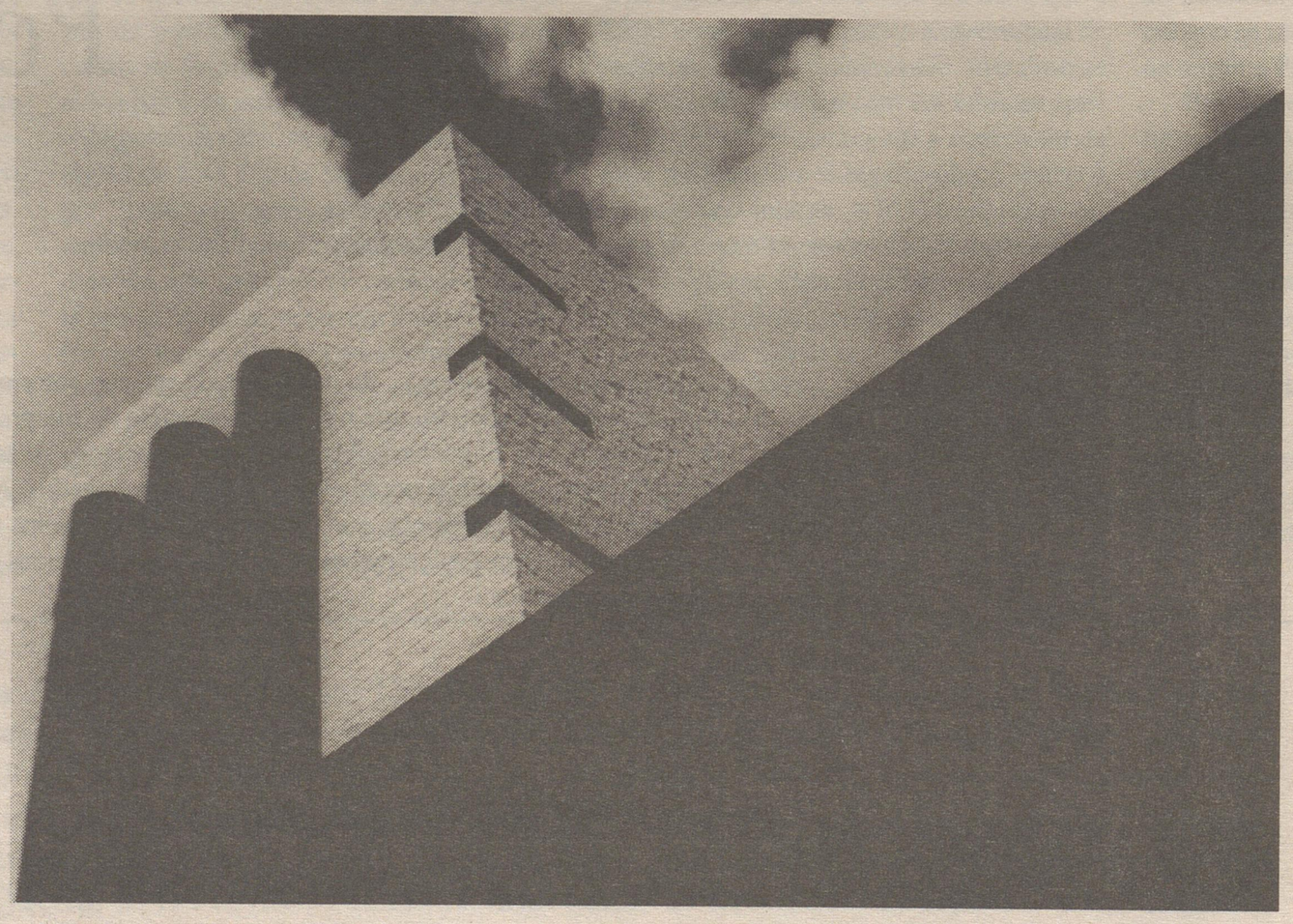
A imagem do confronto, da dicotomia da relação entre o Pólo I e o Pólo II da Universidade de Coimbra: foi este o tema do concurso de fotografia organizado pelo Núcleo de Estudantes de Engenharia Mecânica da Associação Académica de Coimbra (NEEMAAC), cujos trabalhos premiados são aqui apresentados. As diferenças físicas, as noções arquitectónicas distintas que caracterizam os dois pólos universitários e a separação da comunidade académica tentaram ser, deste modo, temas abordados e captados pela imagem fotográfica.

Pólo I / Pólo II





1º Prémio
Paulo Abrantes

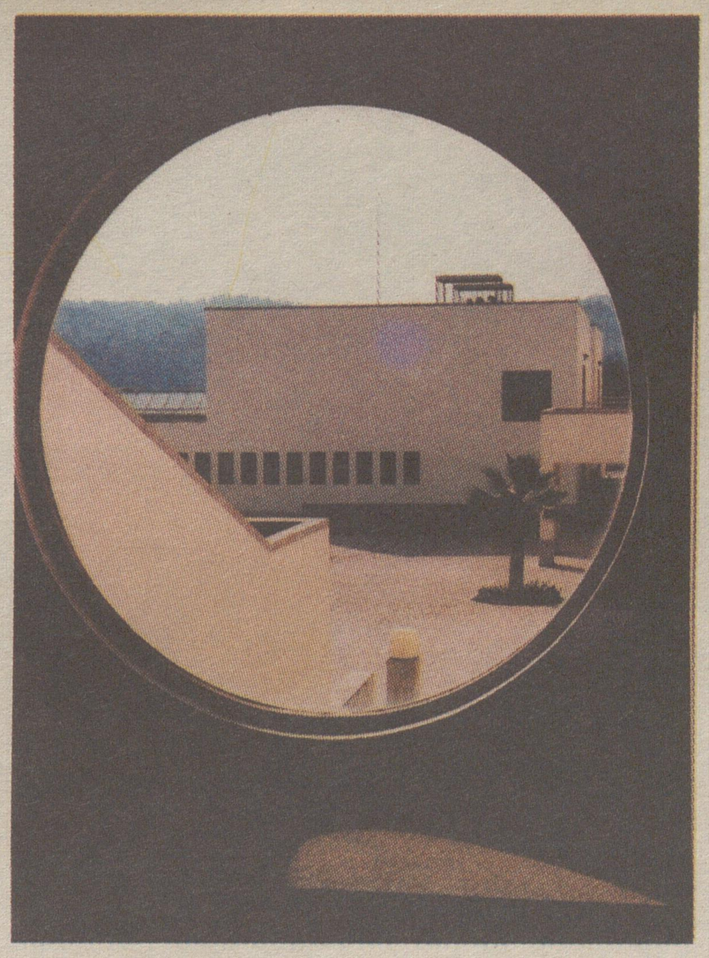






3º Prémio
Isabel Casimiro de Almeida

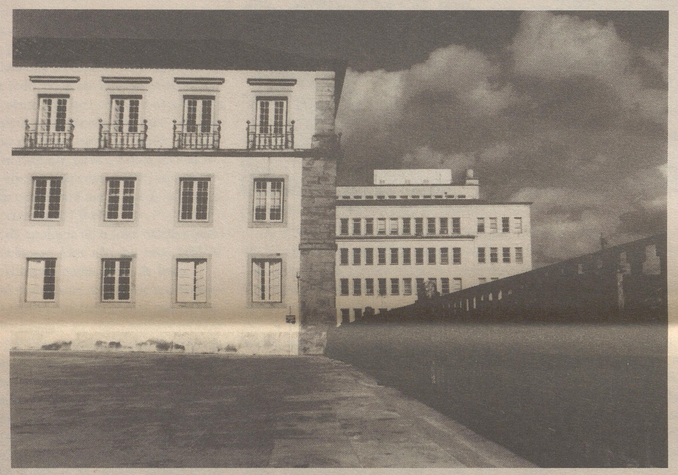
Janelas com Árvore



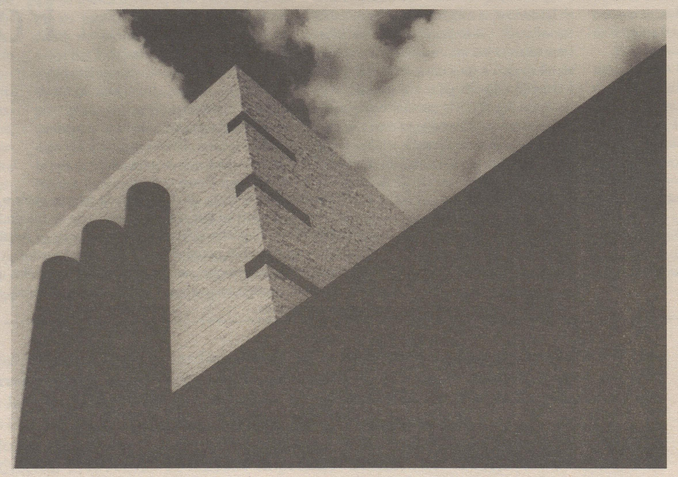


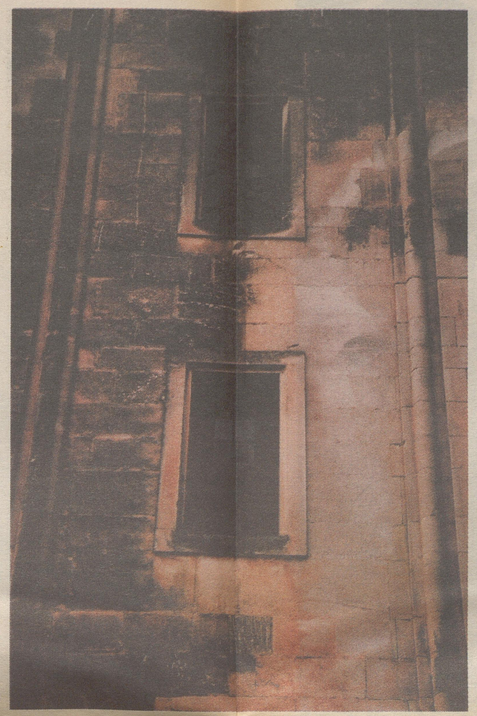
2º Prémio
Manuel Carlos Gameiro

Pólo I / Pólo II



1º Prémio
Paulo Abrantes





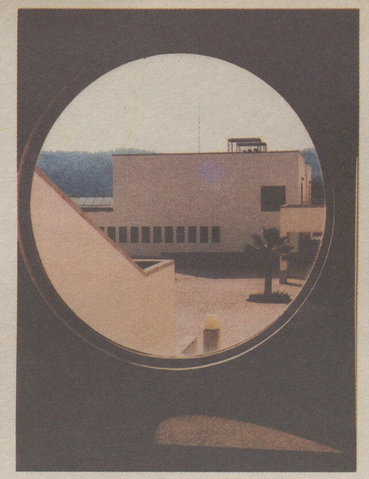


3º Prémio
Isabel Casimiro de Almeida



2º Prémio
Manuel Carlos Gameiro

Janelas com Árvore



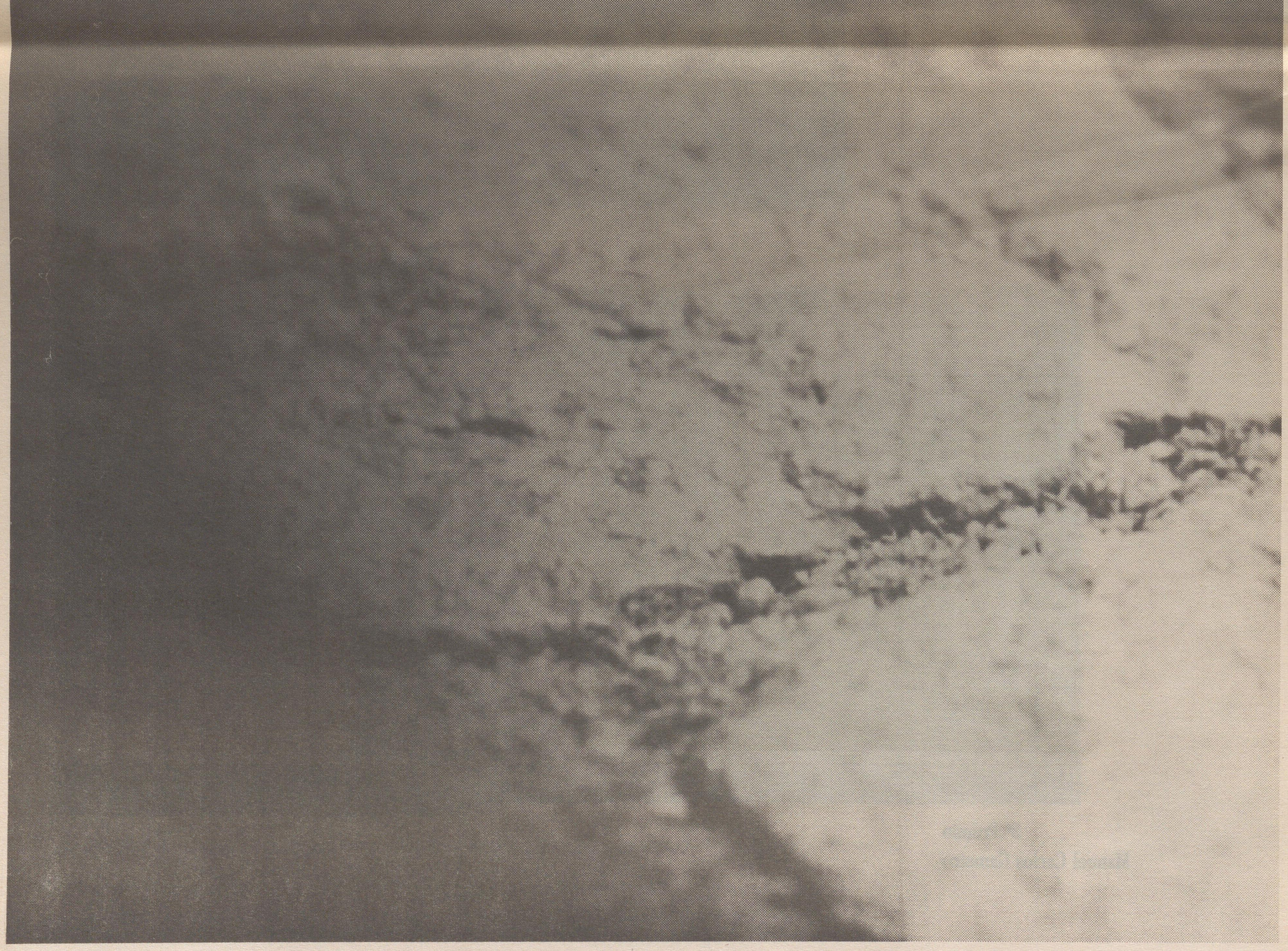
PUB

Caminhos do cinema
PORTUGUÊS
VIII

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE 31 de março a 7 de abril ***Coimbra***

ORGANIZAÇÃO

C.E.C



Ratificação do Tribunal Penal Internacional em discussão

TPI = Prisão Perpétua?

No debate sobre a ratificação do Tribunal Penal Internacional (TPI), promovido pela República do Direito - Associação Jurídica de Coimbra, estavam bem presentes os custos da decisão em causa, a sua complexidade e polémica. A ratificação é polémica porque, por um lado considera–se que ela implica a introdução da pena de prisão perpétua no nosso país, mas por outro, há quem apresente argumentos que vão contra essa posição.

As opiniões dividiram–se entre os membros da mesa. Segundo a penalista Anabela Rodrigues, a ratificação implica um regime que vai contra os direitos humanos, pois a prisão perpétua nega a regeneração e integração na sociedade. A ratificação significa "um certo compromisso de Portugal com a prisão perpétua". Para a penalista, apesar de se defender o contrário, a ratificação levará o nosso país a "colaborar com procedimentos que, ao nível internacional, levam à aplicação da prisão perpétua".



Algumas das personalidades cujos actos teriam enquadramento no âmbito do TPI

Contudo, para José Manuel Pureza, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, esta questão está longe de ser estritamente jurídica, sendo, acima de tudo, uma questão de cidadania. Este investigador destaca que "o que existe na ordem internacional, é uma política clara de 'branqueamento' de alguns e de 'demonização' de outros". Portanto, a criação de uma instância judicial, que faça o filtro destas situações é, do seu ponto de vista, um ganho. Apesar de algumas 'armadilhas desmontadas', há uma que o preocupa enquanto cidadão: A da tradição humanista da política criminal portuguesa - "eu pasmo quando me falam desta tradição humanista e do legado civilizacional". Mas não é apenas este facto que o faz 'pasmar'. É também o alegado retrocesso (invocado pelos opositores) que a ratificação poderia significar: "Pergunto–me retrocesso em relação a quê? Pergunto–me se a criação de um órgão judicial, com um sistema normativo pré–determinado, permanente, significa um retrocesso!".

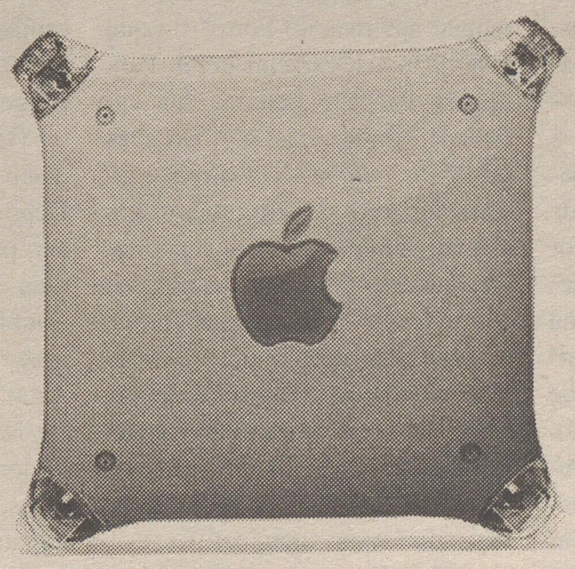
A questão do retrocesso aparece, de alguma forma, nos argumentos de Ferreira da Silva, do Conselho Distrital da Ordem dos Advogados, ao afirmar que "a abolição da pena de prisão perpétua constitui uma tradição portuguesa. O facto de termos dado esse passo significativo é um elemento importante para que não voltemos atrás". O advogado considera que com o TPI "vamos continuar a ter uma justiça de vencedores", uma justiça contra aqueles que, na cena internacional, tenham menos poder. Ferreira Silva acha ainda curioso que os partidos políticos defendam que a pena de prisão perpétua não vá ser aplicada em Portugal quando, na sua opinião, "ela pode vir a ser aplicada ao cidadão português fora do território nacional..."

Refutando este argumento, bem como o referido retrocesso, o constitucionalista Vital Moreira defende que "o TPI é um enorme progresso; progresso da relação de força pela justiça, do direito sobre a arbitrariedade". Considera a prisão perpétua o "cavalo de batalha" dos opositores: "Fico estupefacto ao dar–me conta que continua, na opinião pública, a ideia de que vamos reintroduzir a prisão perpétua na nossa ordem jurídica". O constitucionalista afirma que o TPI não significa a reintrodução da prisão perpétua no nosso país, "a questão fundamental é a profunda ignorância. *Só será julgado pelo TPI quem nós não quisermos julgar*". Para o constitucionalista, Portugal não só não irá aplicar a pena de prisão perpétua, como não terá de entregar ninguém para que esta lhe seja aplicada pelo TPI.

Sílvia Matos

"O poder é o derradeiro afrodisíaco"

Henry Kissinger



Macintosh G4

SCSI Sinergia
Companhia de Sistemas Informáticos, Lda
Rua Tomé Rodrigues Sobral, 124 — Edifício Estádio
3030 COIMBRA
Tel. 039.40 17 10 Fax 039.40 16 17

O cinema fantástico no Porto

2001 odisseia no Fantas

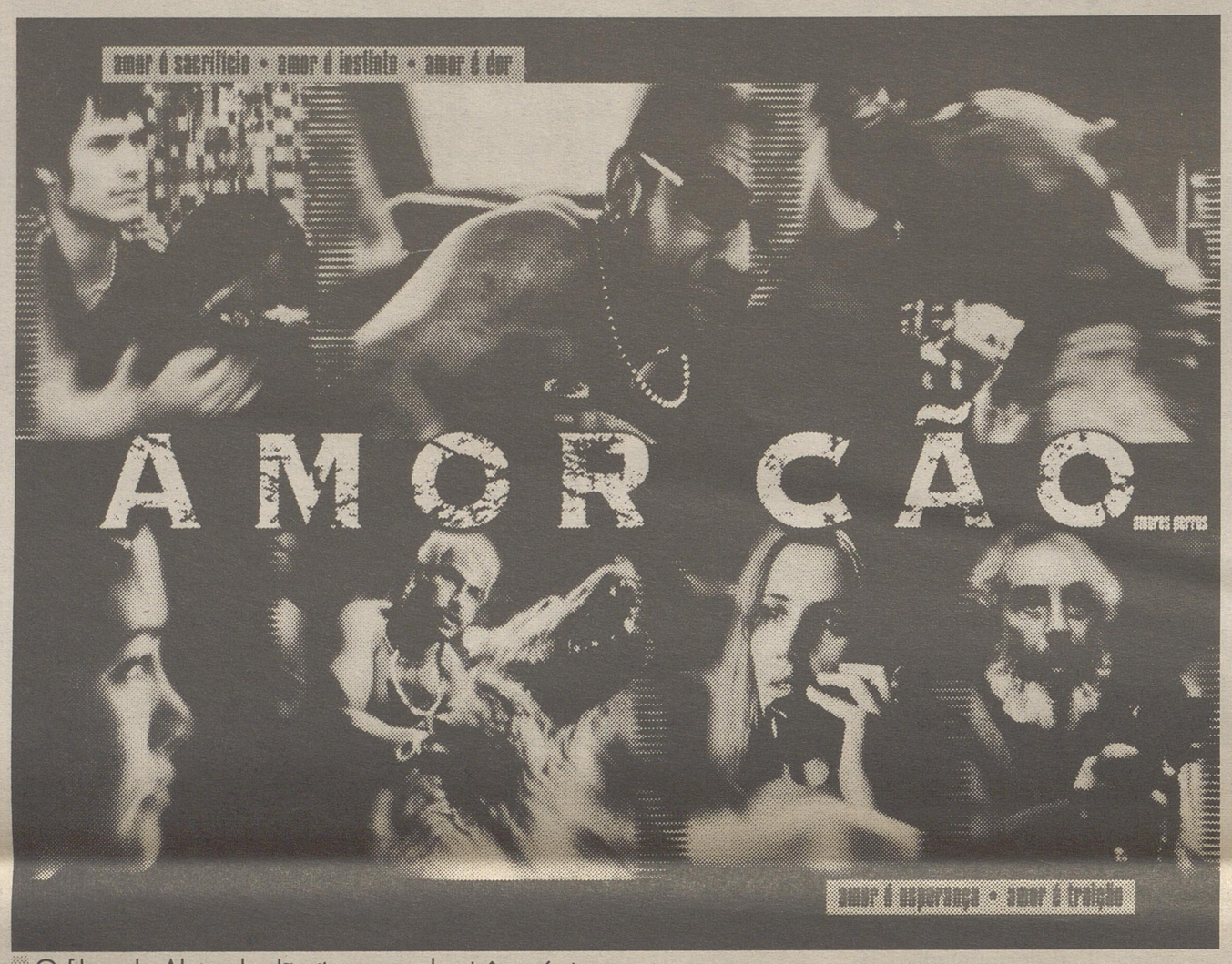
Aludindo ao filme mais emblemático de Stanley Kubrick, o cartaz do Fantasporto aponta para o futuro. Com 21 anos de idade, este festival atrai obras provenientes de todo o mundo. Uma selecção cuidada com quantidades variáveis de tripas, coração e, sobretudo, qualidade.

Numa altura em que a cultura (e algumas escavadoras ruidosas) constitui o prato forte da cidade invicta, eis que rebenta mais uma edição do Fantasporto. Associado ao programa "Odisseia nas Imagens" da Sociedade Porto 2001, o evento organizado pela produtora Cinema Novo abriu no dia 17 de Fevereiro com a Sinfonia Fantástica de Berlioz, interpretada pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Frederic Chaslan.

O início da competição oficial teve lugar apenas no dia 23 com a apresentação, em antestreia nacional, do projecto "Estórias de Duas Cidades", feito em colaboração com uma produtora holandesa. Deste modo, foi possível ver o Porto de quatro formas distintas. Primeiro, a partir de Roterdão, seguindo a música de Maria João e Mário Laginha (também actores) no filme de Pedro Serrazina, «Uma Canção Distante», ainda inacabado. Sandro Aguilar optou por revelar a cidade na penumbra através do olhar melancólico de um operário de construção civil, em «Corpo e Meio». A dupla Tiago Guedes e Frederico Serra serviu–se da Invicta para filmar uma história de amor. O resultado foi «Acordar». Para o final, ficou reservada a festa de S. João vista pelo veterano Paulo Rocha, na obra «As Sereias».

Com a presença de todos os realizadores das curtas (à excepção de Tiago Guedes), o completamente preenchido Grande Auditório do Rivoli aplaudiu a iniciativa (ainda que moderadamente) e preparou–se para a jornada dos dias seguintes. Antes, porém, chegou «Quills», última obra de Philip Kaufman que provocou maior entusiasmo na plateia e fez esquecer os eventuais bocejos da sessão anterior. Aqui, Geoffrey Rush vestiu a pele do Marquês de Sade numa tragi–comédia de acentuados contornos eróticos. A interpretação já lhe valeu uma nomeação para os Óscares deste ano.

Para além de «Quills», o Fantasporto apresentou mais três filmes nomeados para os prémios americanos: «Almost Famous», de Cameron Crowe, «Shadow of the Vampire», de E. Elias Merhige) e «Amores Perros», de Alejandro González Iñarritu. A vontade de ver primeiro estas histórias que envolvem rock and roll, vampiros genuínos e muitos cães permitiu que as sessões se encontrassem lotadas, apesar da hora tardia de algumas delas. Um outro trunfo da organização em relação a um público bastante heterogéneo foi a presença de um grande número de realizadores, produtores e actores.



O filme de Alejandro Iñaritu arrecadou três prémios

No entanto, a 21ª edição do Fantasporto não se resume a uma série de filmes a concurso. Paralelamente à secção competitiva, o festival organiza algumas retrospectivas. Este ano, o cinema coreano contemporâneo esteve em destaque. «Shiri» (Kang Je–Gyu) e «The Isle» (Ki–Duk Kim) são apenas dois exemplos de uma lista de 13 filmes da Coreia do Sul. Robocop, a personagem de banda desenhada transposta para o cinema por Paul Verhoeven, também visitou o festival com quatro filmes de Julian Grant feitos para televisão. Ainda no domínio dos ciclos e retrospectivas, foram feitas homenagens a Vassilis Mazomenos, um nome do cinema grego recente e a Jesus Franco, um dos mestres dos filmes de série B.

Um festival geral

O Fantasporto rejeita o rótulo de "grotesco" que lhe foi imposto e assume–se, cada vez mais, como um festival de experimentação que privilegia o cinema de autor. Beatriz Pacheco Pereira, uma das organizadoras, considera que, hoje, o Fantasporto é um festival que abrange géneros tão distintos como o drama, a comédia, a animação, o documentário, bem como os indispensáveis terror, fantástico e ficção científica. Contudo, para a comunicação social continua a ser mais interessante dizer "escorre sangue nas ruas do Porto" do que assumir o seu carácter geral. Para Beatriz Pacheco Pereira, esta variedade sempre existiu: "Nas suas primeiras edições, o festival passou clássicos do expressionismo alemão, Jean Cocteau e mais nomes que não podem ser conotados com o terror". De qualquer forma, o terror não abandonou o Fantasporto, tendo–se tornado o principal cartão de visita deste evento anual e inspirado os patrocinadores que apresentam os seus produtos e serviços de formas imaginativas.

«The Convent» (Mike Mendez), «Demónios - Toda a Verdade» (Glenn Standring) e «Faust» (Brian Yuzna) são obras que não esqueceram a tradicional receita de sangue, rituais satânicos e muito gore. No lado oposto do horror, encontra–se a inevitável componente do fantástico que incluiu «The Price of Milk - Amor e Vacas», um filme de Harry Sinclair que veio da Nova Zelândia e trouxe Rob, Lucinda e 117 vacas numa invulgar história de amor. «Hotel Splendide», de Terence Gross, colocou Daniel Craig e Toni Colete na mesma cozinha. «I.K.U.» (Shu Lea Cheang) e «Subconscious Cruelty» (Karin Hussain) foram, provavelmente, os dois objectos mais estranhos do festival pela forma canibalesca e assustadora de exploração do universo porno. Muito sui generis...

Os filmes portugueses continuam a tentar a sua sorte no Porto. Depois de «Kuzz», a revelação do ano passado, chegaram «Akasha», uma obra muito pretensiosa de João Menezes (autor da curta «Zero») e «Duplo Exílio», um filme de Artur Ribeiro que se desenrola entre Nova Iorque e os Açores. No sector informativo, algumas curtas lusas, das quais se salientou, pela negativa, «Balas e Bolinhos», de Luís Miguel Ismael. «Tarde Demais», de José Nascimento, foi o título escolhido pelo Prémio Porto 2001, que distingue o melhor filme português do ano.

Fora da sétima arte, a música marcou forte presença no Fantasporto. O que começara há dois anos sob a forma de Noite do Videoclip, revestiu–se, este ano, de um carácter competitivo. Das categorias nacional, internacional e fantástico, consagraram–se, respectivamente, os Coldfinger ("Beauty of U"), os Sigur Ros ("Svefn–g–englar") e A Perfect Circle ("Judith"). Foi ainda atribuída uma menção especial aos Stone Temple Pilots por "Sour Girl". A propósito desta iniciativa, o Fantasporto estabeleceu uma parceria com a cadeia francesa MCM que permitiu a divulgação da música portuguesa no estrangeiro. Ainda no campo musical, referência aos Sex Pistols que visitaram o festival, através de «The Filth and the Fury», um documentário de Julien Temple. Este realizador de nove filmes e mais de 100 videoclips será alvo de uma retrospectiva na próxima edição do Fantas.

Os prémios

No passado sábado, foram revelados os vencedores dos prémios do festival. «Amores Perros», do mexicano Alejandro Iñarritu venceu o Grande Prémio (estreia 9 de Março) e o filme inglês «Purely Belter» recebeu o Prémio Semana dos Realizadores. Na cerimónia de encerramento, foram exibidas apenas as curtas portuguesas «Novo Mundo», de Jorge Neves e «Quatro Vezes Quatro», de Jorge Paixão da Costa, dado que as prometidas curtas holandesas tinham sido enviadas sem legendas. Logo de seguida, «Psicopata Americano» teve a sua primeira exibição pública no país. Adaptando o livro polémico de Bret Easton Elis, a realizadora Marry Harron criou uma comédia negra com Christian Bale, Chloe Sevigny e Willem Dafoe.

O Fantasporto terminou dia seis com a apresentação das obras premiadas e dos habituais filmes de culto (como o célebre «Braindead», de Peter Jackson), depois de ter revelado o cinema de animação japonês (animé/manga) no período pré–fantas. Além das 250 sessões repartidas pelo Rivoli e pelo complexo de cinemas AMC, o festival alastrou–se pelos bares e discotecas da cidade que já é, por si, um cenário privilegiado para o terror com estradas destruídas e assaltos a visitantes mais incautos.

João Vaz Silva

Dia Mundial do Teatro

O teatro em festa

Peças de teatro, edição de um CD e uma exposição de máscaras são alguns dos eventos comemorativos do Dia Mundial do Teatro que, no espaço de um mês, terão por palco.



"Três Horas Esquerdas" pretende apresentar as diversas facetas do comportamento humano

Inserida nas comemorações do dia Mundial do Teatro, o TAGV levará a palco três peças, a edição de um CD de João Loio, de músicas relacionadas com o teatro e uma exposição de Máscaras alusivas ao mesmo.

Nos dias 12 e 13 do corrente mês, pelas 21h45 estreia a peça "Três Horas Esquerdas", primeiro trabalho da companhia Marionet - Associação Cultural, sediada em Coimbra. Este espectáculo foi construído a partir da selecção e da análise dramatúrgica de alguns textos do escritor russo contemporâneo Danill Kharms. Com esta escolha pormenorizada de textos, pretende–se realçar e fazer um paralelo entre as questões de âmbito social, político, cultural, sobre as quais Kharms escreveu na altura (Rússia nos anos 30) e a situação presente, quer em Portugal, quer no mundo. Neste contexto, Danill Kharms insiste em salientar metaforicamente temas como o acaso, a repressão, a censura, a curiosidade, a crueldade, os defeitos e a mesquinhez das preocupações humanas, que ainda hoje se fazem sentir (e sob uma perspectiva pessimista(?) / realista(?), sempre existirão nas comunidades onde o homem habite). Com efeito, Danill dá- nos a conhecer uma visão sobre o seu mundo, e a companhia Marionet uma visão sobre Kharms e sobre o seu mundo mais concretamente. Concluindo, a peça funcionará como um quadro intemporal onde se espelham as vivências humanas, de modo a que o erro cometido no passado (próximo ou afastado) sirva de exemplo no presente e no futuro. Kharms, o autor, será uma estreia dentro da estreia, na medida em que será a primeira vez que ele é representado em Portugal. Deste modo, "Três Horas Esquerdas" é uma aposta forte da Marionet, como trabalho de lançamento inserido num projecto mais amplo de nome "Sobre Real", onde pretende representar a realidade nas suas facetas mais fantásticas, absurdas e até irreais. O escritor russo comtemporâneo surge como uma das fontes de inspiração, dado que se trata de um escritor hiperreal e muito teatral, que cria situações e utiliza uma linguagem e estrutura textual que potenciam a representação. Marionet tem como objectivo último divulgar a peça e levá–la a um maior número de pessoas possível, já que entende o teatro como uma forma de arte para as pessoas.

Depois desta audaz e pioneira produção, realizar–se- á no dia 20 outra peça: "Se chovesse vocês estragavam- se todos". Organizado pela companhia portuense Trigo Limpo - Teatro Acert, este espectáculo é totalmente dirigido para escolas, visto o ambiente se centrar numa "escola de tipo novo", onde os professores ditam regras visivelmente "orwellianas", com princípios educacionais distorcidos por uma ciência ao serviço da neo- escravidão. Esta peça, escrita em 1974, da autoria de Clovis Levi e Tânia Pacheco, ganhou o Prémio Governador do Estado de S. Paulo em 1976, mantendo, no entanto a sua actualidade pelo crescimento do "pensamento único que percorre o planeta, travestido de luzes, sons e cores, invade as nossas casas e consciências e determina as nossas vidas e sonhos; dissemina a descrença, a acomodação e o cinismo". Segundo estes, "Se chovesse..." é "um berro, um grito martirizado, repetitivo, quase agónico. Assim,a peça, tal como as pressões que se desenvolvem em nosso redor, assume um carácter directo, fechado e esquemático, que por sua vez nos determina a um comportamento X, a uma atitude Y. Neste sentido, o texto aparece repleto de potencialidades cénicas, integrando dois actores (professora e aluno) e três personagens- bonecos, sem cabeça, 1.80 de altura, construídos em fibra de vidro. Estamos, então, perante uma visão piramidal da sociedade, onde existe uma classe dominante (professores) que exerce o seu poder arbitrariamente sobre uma infinidade de homens transformados em bonecos.

Em suma, "Se chovesse...", aborda essencialmente a repressão ocultada pelas classes privilegiadas, caindo, pois, as classes subalternas na inactividade e passividade.

Teatro multifacetado

"O Fantástico Francis Hardy, Curandeiro" foi a peça seleccionada pelo TAGV como cartaz do Dia Mundial do Teatro, a decorrer no dia 27 de Março pelas 21h45. Escrita pelo dramaturgo irlandês contemporâneo Brien Field, assenta em quatro longos monólogos ditos por três personagens: dois por Frank Hardy (curandeiro irlandês itinerante), outro pela esposa Grace, e outro pelo seu manager londrino, Teddy. Cada um deles relata-nos a existência precária dos três, em viagem pela Escócia, País de Gales e por fim na Irlanda, terminando sempre com um relato da trágica e violenta morte de Frank por uns camponeses em Ballybeg, no condado de Donegal. A história é uma reconstituição de uma realidade fragmentada e simultaneamnete a projecção de desejos e expectativas na realidade. A comparação entre o papel do curandeiro e o papel do artista é sublinhada pela forma como o texto corajosamente se apoia na arte do contador de histórias: a peça evidencia a incerteza da história pessoal e da experiência individual, centrando–se na narrativa embriagada por uma súplica romântica de nomes de lugares, alternando entre os registos, entre o trágico e o cómico, com a memória sempre como pano de fundo.

Paralelamente a estes eventos, terá início a 15 de Março, prolongando–se até 8 de Abril, num horário fixo das 9h até às 24h, uma exposição de máscaras intitulada "Rostos Suspensos", de Delphim Miranda, que inclui textos de João Maria André. Como termo do ciclo das comemorações relacionadas com o Dia Mundial do Teatro, assistiremos ao lançamento do CD "1º Acto", de João Loio, cujas músicas estão directamente ligadas ao meio teatral. Não se descura a possibilidade de uma conversa com o autor, alguns convidados e o público presente. Tudo isto terá lugar no dia 22 no Café- Teatro, pelas 22h.

Enfim, este mês prestará uma homenagem merecida ao Teatro...

Paula Velho
José Manuel Camacho

Requalificação urbana levanta problemas

Nas ruas da amargura

A companhia dramática está em risco de ver a sua produção teatral seriamente comprometida enquanto continua à procura de alternativas de realojamento.

A Escola da Noite está a menos de um mês de ser despejada do espaço que ocupa no Pátio da Inquisição. No âmbito do Programa de Requalificação Urbana, a Câmara Municipal de Coimbra pretende criar um pólo cultural na baixa, na zona do antigo Colégio das Artes, o que obriga a inúmeras obras de reestruturação. Assim, este empreendimento força a companhia de teatro em questão a encontrar um outro local para continuar a apresentar as sua produções, até que os trabalhos estejam concluídos.



A Escola da Noite está a ponto de ser despejada

Este programa, avaliado em mais de 520 mil contos e financiado pelo Banco Europeu de Investimentos, está subdividido em três projectos (repavimentação e arranjo do Pátio da Inquisição, requalificação do Jardim da Cerca de S. Bernardo e reconversão da ala poente do antigo Colégio das Artes), e obriga à destruição do espaço até agora ocupado pel' A Escola da Noite, para que aí seja construída uma ligação pedonal entre o Pátio da Inquisição e a Cerca de S. Bernardo. No entanto, encontra–se também previsto um novo teatro–estúdio municipal para a zona, o qual será posteriormente utilizado pela companhia dramática. Porém, até que todo o processo esteja terminado, a companhia de teatro necessita de um outro espaço para continuar a levar a cabo todas as suas iniciativas de âmbito cultural.

É aí que estala a polémica entre a autarquia e A Escola da Noite. A edilidade acusa a companhia de ter rejeitado seis alternativas que lhes foram propostas. Por outro lado, em relação ao espaço entretanto apresentado pela Câmara, A Escola da Noite responde, através de um comunicado, que foi ela própria que apresentou a ideia da cedência de um pavilhão no parque de exposições da Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC), no Alto da Relvinha. Contudo, refere ainda que a ocupação de um pavilhão não é possível a curto prazo porque seriam precisos meses e cerca de 60 mil contos para adaptar as instalações às condições necessárias para a representação de peças de teatro.

Deste modo, as duas estreias já marcadas, uma primeira produção baseada em textos de Tchekov, prevista para 27 de Março, e outra, denominada "Acto Cultural", uma comédia de um dramaturgo venezuelano, agendada para Junho, podem ficar comprometidas. As obras na ACIC prolongar–se–iam até Setembro, vendo–se assim A Escola da Noite impedida de apresentar as produções com que se comprometeu com o Ministério da Cultura, o que poderia pôr em risco os subsídios que a companhia recebe por parte daquela instituição.

"Alto da consignação"

Ainda no mesmo comunicado, A Escola da Noite acusa a Câmara de não ter enviado "uma simples comunicação sobre a data concreta de início das obras" e de quebrar o contrato que assinou com A Escola da Noite em Abril de 1995, segundo o qual a edilidade cedia as instalações no Pátio da Inquisição à companhia por um prazo de 10 anos, ou seja, até 2005. Deste modo, é a própria companhia dramática que conclui que "se encontram seriamente comprometidas as possibilidades de sobrevivência da companhia enquanto estrutura de teatro profissional na cidade de Coimbra".

Em sinal de protesto, aquando da consignação da obra, no passado dia 12 de Fevereiro, A Escola da Noite criticou duramente a Câmara, satirizando a situação precária que enfrenta, através de uma peça de teatro denominada o "Auto da Consignação", onde atacaram, ao bom estilo vicentino, a edilidade coimbrã. O auto, dividido em quatro cenas, protestou, em tons de mordacidade severa, contra o despejo decretado pelo executivo de Manuel Machado.

Entretanto, A Pro Urbe já se mostrou também ela indignada com o risco de A Escola da Noite ser despejada, no que considera constituir um "rude golpe contra a vida coimbrã" e exige por parte da autarquia uma solução urgente e condigna para todo este problema. Segundo um comunicado desta associação cívica, é estranho A Escola da Noite encontrar–se à beira do despejo "em nome - ironia das ironias - do interesse público de uma obra que é suposto destinar–se a fins culturais"...

Emanuel Graça

Cinema à vista

Caminhos do Cinema Português com mais de 50 filmes a concurso, apesar de existirem problemas com as salas.

A VIII edição dos Caminhos de Cinema Português (CCP), que terá lugar de 31 de Março a 7 de Abril, representa uma forte aposta na afirmação nacional deste evento que já entrou nos hábitos de Coimbra. Apesar de aumentar o número de filmes a exibir, a organização debate–se com problemas no que toca a assegurar uma sala para o evento.

De acordo com as palavras de Vítor Ferreira, presidente do Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra (CEC), "estamos chocados com esta situação, uma vez que não foi assegurado o interesse deste acontecimento regular da academia de Coimbra". Na origem deste problema está o facto de a actual direcção do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) ter assinado um contrato com o mágico Luis de Matos para a gravação de um programa de televisão, espectáculo este que ocupará a principal sala de espectáculos da cidade de Coimbra durante três dos oito dias dos CCP (4,5 e 6 de Abril). Depois de ter tido conhecimento deste facto o CEC espera agora que a direcção do TAGV resolva esta situação de impasse: "o senhor Reitor disse–nos que não podia fazer nada por causa do contrato, mas que parte das verbas provenientes do contrato serviria para assegurar uma sala para substituir os três dias em que o Teatro Académico está ocupado". Na opinião do presidente do CEC a sala que deve substituir o TAGV deve ter "um mínimo de dignidade", não sendo portanto de aceitar situações de recurso como o Mini–auditório Salgado Zenha (no edifício da Associação Académica de Coimbra) ou a Casa Municipal da Cultura, mas sim uma sala tipo cine–teatro.

Esperando que a direcção do TAGV venha a resolver esta situação, Vítor Ferreira destaca como grande aposta desta edição a afirmação dos CCP a nível nacional, mas para que isto possa acontecer "os realizadores e os produtores têm de deixar de ter medo de ver as suas obras ir a concurso com outros filmes, pois talvez seja aí que reside a fraqueza do cinema português". Os oitavos Caminhos do Cinema Português contarão com filmes como "A branca da neve" de João César Monteiro, "Tarde Demais" de José Nascimento e "Capitães de Abril" de Maria de Medeiros. De salientar também uma mostra de cinema lusófono, que será organizada em colaboração com António Loja Neves.

Bruno Ferreira



Na revelação de 24 ou 36 fotos oferta de :

*** 1 rolo,**
*** 1 álbum,**
*** 1 Ampliação 20x30**

Revelação em 30 minutos

Após a 6ª revelação oferta da 7ª

FOTO MONTEIRO

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915

Música

Concertos

Mão Morta - *Apresentação do novo álbum "Primavera dos Destroços*

TAGV.24 de Março, às 21h45

Stealing Orchestra

Le Son - Café Concerto/Pedrulha.8 de Março, às 23h

Lançamentos

"Sunny Border Blue", - *Kristin Hersh*

sai 12 de Março

"Regeneration" - *Divine Comedy*

sai a 12 de Março

"Primeiro Acto, música para teatro" - *João Lóio*

sai a 22 de Março no Café Teatro do TAGV às 22h

Cinema

Cinemas Millenium

"Hannibal" - *Ridley Scott*

Cine teatro.14h30, 17h00, 19h30, 22h00 (todos os dias)
00h30, às quartas, sextas e sábados

"Traffic - Ninguém Sai Ileso" - *Steven Soderbergh*

Sala 1.14h15, 16h45, 19h15, 21h45 (todos os dias)
00h00, às quartas, sextas e sábados

"O que as Mulheres Querem" - *Nancy Meyers*

Sala 2.14h00, 16h30, 19h00, 21h30 (todos os dias)
00h15, às sextas e sábados

"Yi–Yi" - *Edwaurd Yang*

Sessão Especial.19h00, às terças, quartas e quintas

Castello Lopes

"Prova de Vida" - *Taylor Hackford*

Sala 1.14h30, 17h00, 19h30, 22h00

"Hannibal" - Ridley Scott

Sala 2.14h15, 16h45, 19h15, 21h45

Televisão

"Futurama"

Domingos na RTP 2, 21h00

"Os Sopranos"

Segundas na RTP 2, 23h00

"Uma Pistola"

Quartas na RTP 2, 01h00

"Ally Macbeal"

Terças na TVI, 00h35

"Rita Catita"

Segunda a Sexta na TVI, às 17.30

"A Ilustre Casa de Blackadder"

Sábados na RTP 2

"Conversa Privada"

Terças na RTP 2, 23h00

"Zapping"

Quartas na RTP 2, 23h00

Exposições

"321m2 - Trabalhos de uma Colecção Particular"

Parque de Santa Cruz.de 6 a 10 de Março, das 14h às 19h

"Rostos Suspensos" *máscaras de Delphim Miranda e textos de João Maria André*

Foyer do TAGV.de 15 de Março a 8 de Abril

Teatro

"Discurso Sobre o Filho–da–Puta" *de Alberto Pimenta, com encenação de Carlos Curto*

10 e 11 de Março, às 21h45

"Três Horas Esquerdas" *a partir de textos de Daniil Kharms, com encenação de Mário Montenegro e Nuno Pinto*

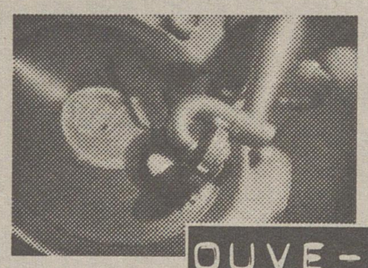
Pela Marionet - TAGV.12 e 13 de Março, às 21h45

"Se Chovesse Vocês Estragavam-se Todos" *com textos de Clovis Levi e Tania Pacheco com encenação de Carla Torres*

Pelo Trigo Limpo/Teatro Acert - TAGV.20 de Março, às 10h, 15h e 21h45

"O Fantástico Francis Hardy, Curandeiro" *de Ben Friel com encenação de Nuno Carinhas*

Pela Assédio - TAGV.27 de Março, às 21h45



artes

Causas simples

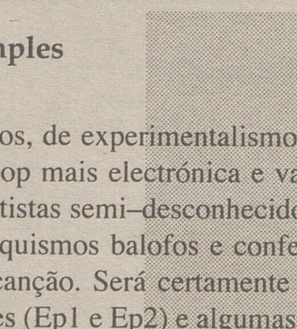
Com o acentuar, nestes últimos anos, de experimentalismos e outras verborreias extremas na música pop mais electrónica e vanguardista, surge, aos poucos, uma ala de artistas semi–desconhecidos interessados em despir a música de barroquismos balofos e conferir–lhe um formato de recorte clássico pela canção. Será certamente o caso deste duo londrino que após dois singles (Ep1 e Ep2) e algumas remisturas (Radiohead, Terry Callier entre outros), criaram um certo hype na imprensa especializada em volta deste Simple Things.

Apesar da envolvência sónica proposta pelos engenheiros de som Henry Binns e Sam Hardaker não ser particularmente inovadora (o universo dos franceses Air é por demais evidente) não deixa de ser estimulante para o ouvinte deixar–se envolver pelas melodias simples e tranquilas que emanam das cordas dos violinos (em jeito de orquestra) por sua vez emaranhadas na guitarra acústica com bases sonoras electrónicas atmosféricas como tapete de fundo. As vozes quentes e contemplativas falam de amor e de coisas simples da vida. Do primeiro ao último acorde sente–se uma certa nostalgia delico–doce acentuada pelas flautas, pianos, solos de teclados fender rhodes e demais efeitos computadorizados convertidos na estrutura convencional da canção (e restantes instrumentais).

Música de cabeceira para vôos espaciais relaxados.

Rui Caniço

Zero 7



"Simple Things"
Ultimate Dilemma (2001)



FOTOS, música e uma víBora

É um pouco difícil, num espaço tão reduzido, fazer uma escolha relativamente eclética daquilo que o denominado "mundo da Internet" tem de mais interessante e apelativo para oferecer. De qualquer modo, aqui ficam algumas sugestões.



Para quem gosta de fotografia e, sobretudo, de boa fotografia, a página

www.photology.com/bresson

dedicada a um dos "monstros" da arte fotográfica, Henri Cartier–Bresson, terá que ser um obrigatório local de passagem. Aqui poderemos encontrar prodigiosas fotografias a preto e branco deste francês que, juntamente com Robert Cappa,fundou a Agência Magnum. Acrescente–se que muitas das fotografias que se podem encontrar na página de Cartier–Bresson podem actualmente ser vistas numa exposição dedicada à sua obra, patente no Centro Cultural de Belém.

Num âmbito completamente diferente, chamo a especial atenção para a página

www.blackadderhall.co.uk

Quem não se lembra das patéticas peripécias pseudo–elaboradas e invariavelmente desnexadas de Edmund Blackadder, Baldrick "o escremento humano", Lord Percy "a nulidade encefálica" e companhia? Nesta página, poderemos encontrar quase tudo sobre esta série de culto, produzida pela BBC: guiões dos episódios, diálogos em Real Audio e uma galeria de imagens absolutamente hilariante.

Finalmente, destaque para a página

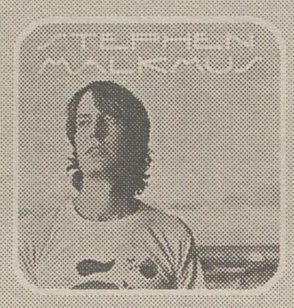
www.deadcandance.com

Nesta autêntica galeria de sons e imagens da infelizmente já desfeita dupla formada por Lisa Gerrard e Brandon Perry (que entretanto enveredaram por carreiras a solo) podemos encontrar quase tudo sobre aquela que foi uma das mais prodigiosas e singulares bandas do final das últimas décadas - os Dead Can Dance. A história da banda, a discografia, bem como a possibildade de ouvir algumas faixas formam uma das páginas mais interessantes e esteticamente agradáveis que actualmente vão gravitando pela Internet.



SA

Stephen Malkmus



"Stephen Malkmus"
Domino (2001)

Repavimentação em curso

Depois de uma longa e virtuosa carreira enquanto frontman e imagem principal dos Pavement (e depois daquela fase de indecisão em que não se sabe se vão continuar ou não, se dão um tempo, se estão mesmo zangados, se estão fartos da indústria), Stephen Malkmus apresenta, finalmente, o seu disco a solo.

Ao lado da imensa nostalgia perante uma das mais míticas bandas do rock independente norte–americano que edificara hinos como "Cut Your Hair" ou "Stereo", surge um disco pela mão da editora Domino onde a escola Pavement está presente ao longo de todos os temas, se bem que numa toada mais pop.

Deve–se esclarecer, desde já, que é sempre muito complexo dissociarmos a tonalidade da voz de Malkmus do seu projecto anterior... acontece com quase todas as carreiras a solo de ex–vocalistas de bandas carismáticas. E quanto à toada mais pop, oiça–se bem o último "Terror Twilight" e mais concretamente temas como "Spit on a stranger" ou "Carrot rope", dos Pavement e facilmente se depreende que este era , muito provavelmente, o caminho a saguir.

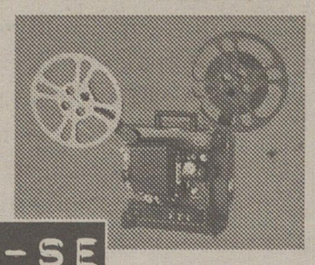
Não se trata aqui de aproveitar o que está feito e tirar dividendos, não se deve negar um cunho de inovação e originalidade ao trabalho de Malkmus, mas nada disto seria possivel sem o seu passado na banda que era muito pretendida para tocar em solo lusitano mas nunca nos deu esse prazer.

Resumindo e concluindo, pouco de novo mas muito de bom num disco que prima pela tranquilidade e descrição. Não se descobriu a pólvora, mas a fórmula previamente instituida ainda vai rendendo. E muito bem.

Já que os Pavement acabaram, pelo menos temos o Stephen Malkmus a solo, com um disco que não sendo brilhante, é honesto e extremamente agradável.

Hugo Ferreira

Feitas



VE-SE

"Hannibal" - Ridley Scott



Tal como em "O Silêncio dos Inocentes", quase toda a tensão de "Hannibal" centra–se na relação entre a agente da FBI, Clarice Starling (Julianne Moore) e Hannibal Lecter (Anthony Hopkins). Ridley Scott aposta no formato do duelo eterno entre o Bem e o Mal e o ponto culminante deste filme é mesmo o encontro entre a heroína e o vilão. No entanto, este acontecimento sabe a anti–clímax por aquilo que se desenrola anteriormente.

Esta obra cinematográfica encerra uma encenação tácita do nietzschiano apolíneo contra o dionisíaco em que Clarice é a salvadora angelina enquanto que Hannibal encarna o monstro devorador. A exaltação trágica deste último é bem patente na morte do Inspector Pazzi (excelente desempenho de Giancarlo Giannini). Estranho é que neste filme Hannibal é mais assassino do que antropo–sitiómano, apesar de revelar dotes culinários mais refinados.

O contrário se verificou com "O Silêncio dos Inocentes" em que Jonathan Demme preferiu a "psicofagia" das personagens centrais, esmiuçando gradativamente as relações quase platónicas entre a Clarice original (Jodie Foster) e o canibal–génio até chegar ao confronto com o psicopata. Neste filme, Hannibal toldava–se de um perfil inquietante e inefável e Clarice sujeitava–se a um conflito emocional mais do que físico.

Anthony Hopkins foi o único protagonista a transitar para a sequela e a filmagem de Ridley Scott denuncia aquilo que o público requeria do original: mais presença canibalesca. Mas o perfil traçado deste antropófago é impiedoso e muito mais corpóreo do que há dez anos. A sua presença revela–se quase banal e despida de tensão psicológica. Transcendeu a mera condição humana ao assumir uma feição mais animalesca. Um carisma hipnótico aliado a uma voz maviosa e sibilante como uma serpente tentadora subjugam as suas vítimas humanas. A pose fleumática e controlada de Lecter transfigura–se quando encurralado ou quando sente o chamamento hedonista da carne. Anthony Hopkins confessa numa entrevista recente que se inspirou nos gatos de modo a adoptar uma pose mais felina e enigmática.

A escolha do local de filmagens parece propositado. Florença foi um dos centros da Renascença italiana e os cenários adquirem uma coloração cada vez mais sombria com o desenrolar do filme. Efectivamente, o ressurgimento anunciado de Hannibal assume os contornos de uma Fénix renascida das cinzas do esquecimento.

"Hannibal" não é tão profundo e denso como o seu precursor. Subjacente a toda a filmagem está uma preocupante repetição de receitas seguras. Uma tendência que desde há algum tempo enferma muita da criatividade fílmica dos Estados Unidos. Sinal disso é a diferença entre o final do filme e o da obra de Thomas Harris em que se baseia. Este era considerado pelos produtores como pouco "*hollywoodesco*". *Daí o recurso fácil a um final em aberto* para uma muito provável sequela (ou prequela, ou subquela...).

Helder S. Dantas



LE-SE

"Cadernos do Subterrâneo"

Fiódor Dostoiévski

ed. Assírio e Alvim

"No que me diz respeito, pessoalmente, tudo o que fiz na vida foi levar até ao limite o que vós mesmos tivestes medo de levar nem que fosse até meio, tomando além disso a vossa cobardia por bom senso - o que vos consola e vos ilude." (p. 189)

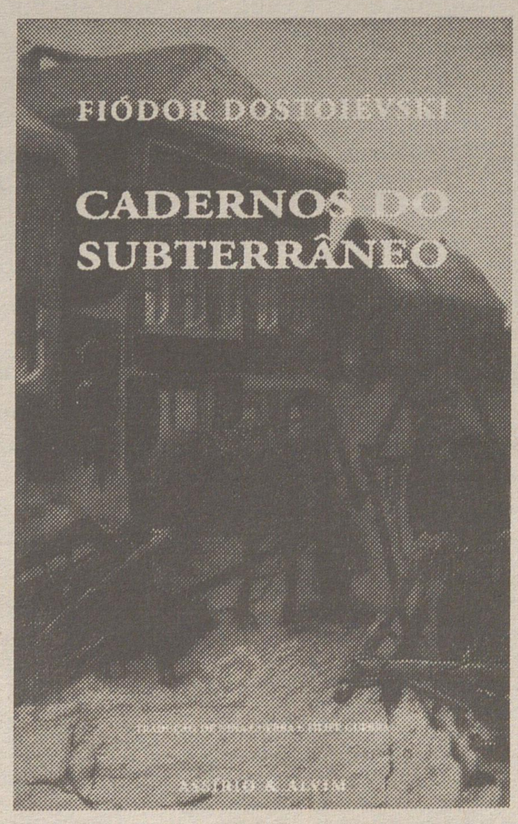
Há autores assim: o que quer que se diga sobre eles parecerá um abuso - pois qualquer tentativa de definição é, na verdade, uma minoração. Dostoiévski é um desses autores, e qualquer aproximação que se queira fazer à sua obra implica um risco e exige uma humildade profunda. Os Cadernos do Subterrâneo, recentemente reeditados, constituem nessa obra um momento decisivo: publicados em 1864 numa revista, são o ponto de partida para a escrita dos seus romances maiores (como Crime e Castigo, O Idiota ou Os Irmãos Karamázov). O livro divide–se em duas partes: na primeira, intitulada O Subterrâneo, a personagem "apresenta–se a si mesmo e à sua maneira de pensar, e parece buscar as causas que o produziram e deviam produzir, no nosso mundo"; na segunda, Por Motivo da Neve Húmida, é narrada uma parte da vida dessa personagem, uma parte da vida que a situa nos seus 24 anos de idade (o narrador escreve do alto de 40 anos de vida no subterrâneo) e permite expôr o que de teórico foi avançado primeiramente.

Mais do que atentar nos acontecimentos práticos que ajudam a compreender a personagem em questão (e que, na primeira parte, recuam à infância) é importante compreender onde se situa esse terreno do subterrâneo: na consciência do homem (e se não pluralizo é porque esse é um terreno em que se não aventuram todos os homens). Ora, o homem que não teme a sua consciência está para além do horror. A questão com que o homem do subterrâneo se confronta é: "é possível, ou não, ser–se absolutamente sincero pelo menos consigo mesmo e não ter medo de toda a verdade?" (p. 63). É certo que, quando se passa para lá da verdade, o homem não pode ousar esperar nada mais ("um homem inteligente não pode tornar–se nada, só os parvos se tornam qualquer coisa" - p. 15) - resta–lhe subsistir nesse outro mundo, um mundo próprio onde a lucidez impede qualquer tentativa de embriagamento e não é possível outro sentimento que não o desprezo (inclusive, e principlamente, por si mesmo). Um mundo onde o real só pode ser vivido por transposição, isto é, em pensamento, e que condena à solidão.

Como se sabe, a solidão intensifica todas as sensações: a vida alcança uma dimensão trágica (e logo, sublime) que não se pode coadunar com a vida viva do homem normal ("um homem possuidor de carácter, um homem de acção, é uma criatura essencialmente limitada" - p. 15), no texto representado pela personagem de Zverkov. Ora, o homem de consciência alargada é a antítese desse homem normal, desse homem de acção ("o fruto directo, legítimo e espontâneo da consciência é a inércia" - p. 32), mas ainda que o despreze, que despreze a sua grosseria, "a mesquinhez dos seus pensamentos, a estupidez das suas ocupações, das suas brincadeiras, das suas conversas" (p. 105), não pode deixar de o invejar. Pois o homem de consciência alargada é um homem doente, sofre como nenhum outro a sua condição e, tendo consciência desse sofrimento, nada pode fazer para o impedir (e, mesmo que pudesse, o que implicaria um impossível retorno a um estado pré–consciente, ele recusaria, exactamente por saber a priori que deixaria de estar consciente).

À grosseria do homem normal (regido pelas suas noções torpes da vantagem e do sucesso) opõe–se a consciência da singularidade, uma visão do sublime, que só encontra correspondência possível na criação de um mundo imaginado, isento do embaraço e da humilhação. Imaginar é sofrer, por ser contraponto do espaço vivido (um espaço onde o homem consciente não descobre mais que o fingimento, a insegurança e um inquietante remorso). Mas "o que vale mais: uma felicidade barata ou um sofrimento sublime?" (p. 187).

Gonçalo Duarte



(In)formação

No âmbito da Semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra, a linha SOS Estudante promove, amanhã (quinta–feira), 8 de Março, uma sessão de formação e informação. A acção decorrerá no foyer do Teatro Académico de Gil Vicente e contará com representantes de diversas entidades, como os Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, o Gabinete de Apoio ao Estudante, o Centro de Apoio ao Jovem, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e o serviço STOP SIDA.

A iniciativa tem por objectivo elucidar os estudantes da academia acerca dos serviços prestados por estes organismos.

Programa Contacto

Já estão abertas as inscrições para a 16ª edição do Programa Contacto, promovido pelo Grupo Sonae. Este programa existe desde 1986 e oferece aos 120 melhores finalistas universitários a possibilidade de aprofundarem os seus conhecimentos em várias áreas de negócios deste grupo empresarial. Até ao dia 30 de Abril os interessados devem preencher a ficha de inscrição disponível em www.sonae.pt. Este programa é acessível a estudantes das mais variadas licenciaturas, e este ano, pela primeira vez, acolherá também alunos do penúltimo ano do curso frequentado.

Esta acção do Grupo Sonae inclui ainda concede também estágios remunerados, com a duração de três a seis meses.

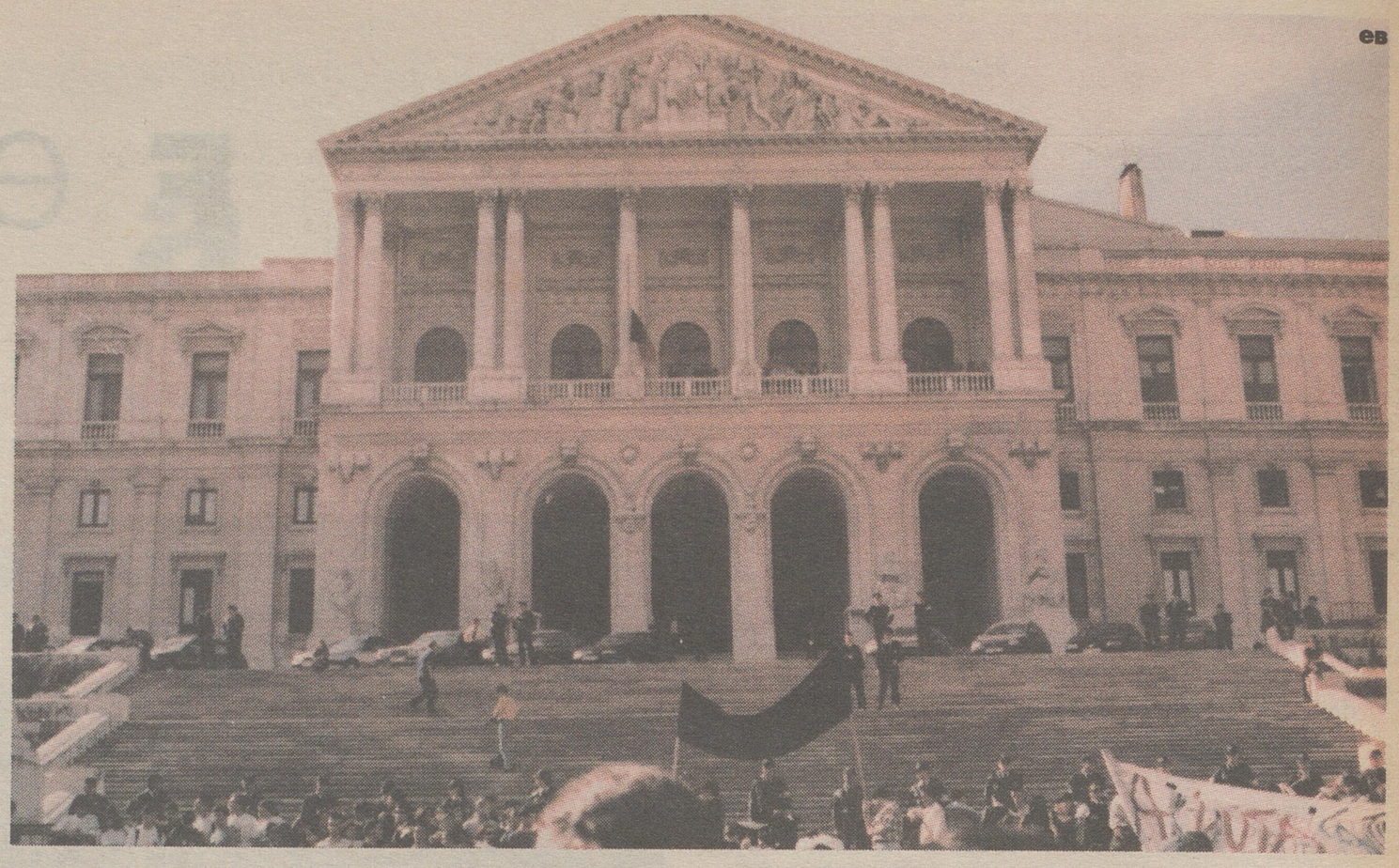
AAC desvincula-se do ENDA

A Associação Académica de Coimbra (AAC) abandonou o Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) realizado há cerca de duas semanas no Porto. A decisão de abandonar o encontro foi tomada pela Diracção Geral (DG) de Humberto Martins por discordar da marcação de duas manifestações para o dia 28 de Março, sem ter havido uma prévia consulta aos estudantes. Nas palavras do presidente da DG/AAC, o abandono dos trabalhos representa um "protesto simbólico" também relativamente ao facto de as duas manifestações terem sido agendadas para Lisboa e Porto, o que poria em causa a dimensão nacional que Coimbra pretendia.

Em resposta, a AAC vai convocar uma assembleia magna, ainda sem data definida, para estabelecer quais serão as formas de luta a levar a cabo nos próximos tempos pela academia coimbrã.

Ciência cultural

"Imagens@dem.uc" é uma exposição de 23 imagens de índole científico–cultural integrada na Semana da Mostra Cultural. Composto por fotografias e ilustrações científicas, estará disponível para o público até o próximo dia 23 deste mês, no Colégio das Artes (junto ao Largo D. Dinis). Contudo, a organização espera poder expô–la noutros locais, tais como escolas de ensino secundário e superior. Segundo o texto de apresentação da obra, "deseja–se que o seu carácter insólito e conteúdo gráfico contribuam para a desmistificação da ideia do objectivamente frio e da dureza da tecnologia, e façam nascer o gosto e a curiosidade pelo cientificamente belo". A iniciativa é organizado pelo Departamento de Engenharia Mecância da Universidade de Coimbra.



Dia 24 de Março de 1998. O dia do estudante era uma vez mais "celebrado" com uma manifestação que reunia cerca de 10000 estudantes que, pelas ruas de Lisboa, voltavam a declarar guerra à famigerada Lei de Financiamento do Ensino Superior. Três anos volvidos, a lei mantêm–se e a guerra parece ter mudado de trincheira. Hoje, já parecem distantes os longos desfiles que se estendiam pelas ruas acompanhados pelas habituais palavras de ordem. Hoje, a realidade já exige que seja entregue aos tribunais a responsabilidade de mediar um problema que continua sem solução.

SA

A nova velha Universidade

A Universidade de Coimbra comemorou no passado dia 1 de Março 711 anos de vida. E, não haja dúvidas, 711 anos representam uma responsabilidade enquanto instituição, que deve implicar uma consciência do seu passado que possibilite, ao mesmo tempo, uma noção do espaço que ocupa e deve ocupar no presente e no futuro.

Quero com isto dizer que a UC tem que ter consciência que, hoje, a realidade é diferente de há 700, 100 ou 50 anos atrás. E, se considero que existe essa consciência, já tenho mais dúvidas no que respeita ao facto de se encarar essa realidade de uma forma despreconceituosa, sem que a nostalgia por outros tempos vede um conjunto de políticas e reformas que se vão tornando prementes.

A UC continua hoje a reunir um capital de prestígio incomparável às restantes universidades do país. No entanto, esse prestígio deve e tem de ser acompanhado por uma evolução a nível da filosofia da própria instituição que, a não existir, só a pode prejudicar.

Neste sentido, Coimbra tem que entender que já não é a única universidade do país nem aquela que, tão pouco, apresenta a melhor oferta em termos de qualidade de ensino. Serão cada vez menos aqueles que nos dias de hoje, residindo nas áreas metropolitanas de Lisboa ou Porto, optam por vir tirar os seus cursos na Universidade de Coimbra, que tende, cada vez mais, a tornar–se numa universidade de âmbito regional.

Deste modo, qual deve ser a atitude da Universidade de Coimbra perante esta realidade?

A UC deve recusar assumir uma posição passiva, continuando presa a um passado que não volta, assumindo o risco de se questionar, fazendo por inverter uma tendência que ameaça perpetuar–se. Deve investir–se em infraestruturas, alargando às outras faculdades aquilo que se tem vindo a desenvolver no âmbito da FCTUC. É premente que a UC possua condições físicas que a coloquem, pelo menos, ao mesmo nível das demais universidades do país. Depois, ao nível pedagógico, torna–se fundamental ter a coragem necessária para se reduzir os numerus clausus e acabar com essa aberração didáctica que são os turbo–professores. Só apostando na qualidade dos cursos é que a Universidade de Coimbra, como escola, pode manter um capital de prestígio similar à história e património que possui.

E, finalmente, apostar naquilo que mais vai contribuindo para que a UC mantenha a singularidade que lhe é reconhecida: a sua associação académica.

É de louvar o apoio que actualmente é concedido às diversas secções da AAC, especialmente tendo em conta as dificuldades orçamentais com que a UC se vai regularmente deparando. No entanto, e pese embora a boa vontade, fica a ideia de que não se deveria negligenciar uma estrutura desta importância e que, efectivamente, atribui uma projecção incomparável à UC. Não havendo possibilidade de apoiar financeiramente as secções, porque não enveredar esforços para que seja possível conciliar a actividade associativa com o curso, um dos factores que mais contribui para que, actualmente, mais estudantes se afastem da AAC? Hoje, essa aparente tentativa de conciliação apenas assume a forma da figura de "época especial", essa bandalheira que serve de pretexto para se criar uma secção mas que só a espaços vai ajudando quem trabalha e verdadeiramente gostaria de compatibilizar as duas actividades. A UC e a AAC não podem crescer separadas e só têm a ganhar se unirem esforços.

Sérgio Alves



15.º ANIVERSÁRIO DA RUC

Le Son
Pedrulha

23H.
8 MAR.

